



PORTUGAL DEMOCRÁTICO

ANO XII — N.º 134 — S. PAULO, OUT./NOV. DE 1968 — REDAÇÃO: RUA CONSELHEIRO FURTADO, 191 — SALA 2 — CAIXA POSTAL 6248



Foi assim, como a imagem mostra, bandeiras desfraldadas e cantando o hino nacional, que o povo, depois de ir em romagem aos tumulos dos fundadores da República, iniciou a saída do cemitério do Alto de São João o desfile pelas ruas de Lisboa que o levou a violentos choques com a Polícia, a Guarda Republicana e a P.I.D.E. Há muitos anos que o 5 de Outubro não assumia em Portugal uma feição tão caracterizada de jornada de luta. O que se passou em Lisboa, em Viseu, no Porto, em Braga e noutras cidades prova que o povo português não se deixará mistificar pela linguagem conciliadora das searas do fascismo. A resposta a oferecer à implantação do salazarismo sem Salazar não é o diálogo: é a luta, o desafio frontal ao inimigo. O 5 de Outubro vale por uma certeza de que, unidos, e confiantes, conquistaremos a liberdade. Em frente, pela destruição do Estado fascista!

NA UNIVERSIDADE CATOLICA DE S. PAULO

Exposição e Conferências sobre o Fascismo Português

Os democratas portugueses de São Paulo, no cumprimento da tarefa de esclarecer a opinião pública brasileira sobre a verdadeira natureza do regime salazarista, obtiveram no mês de Setembro um notável êxito com a realização dos empreendimentos que tiveram enorme repercussão em todo o Brasil e particularmente junto da juventude universitária e dos meios intelectuais. Por iniciativa do Prof. Paulo Rezende, o Curso de Introdução à Ciência Política da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo decidiu promover um ciclo de Conferências sobre a conjuntura portuguesa. Dando mostras de absoluta isenção, e para que os alunos tivessem a oportunidade de tomar conhecimento tanto das posições oficiais do governo de Lisboa sobre a problemática nacional como das sustentadas pela oposição democrática, a Reitoria do grande Instituto da Rua Monte Alegre dirigiu convite ao Consulado de Portugal e ao Centro Republicano Português para que indicassem os nomes de conferencistas em condições de abordar os temas escolhidos: o problema das "Províncias Ultramarinas"; a situação da classe operária; a Universidade; os intelectuais e a censura; problemas estudantis; e a posição da Igreja. De acordo com o planejamento do Curso, em cada dia, e dispondo de igual tempo, seriam expostas sobre o mesmo tema as posições do governo salazarista e da oposição, seguindo-se debate em que participariam os alunos. O Centro Republicano Português aceitou imediatamente o convite; o Consulado, certamente cumprindo ordens da Embaixada, negou a sua colaboração à iniciativa.

Coincidindo com a realização da primeira das Conferências do Curso, o Grêmio dos estudantes da Faculdade de Filosofia da PUC organizou na sua sede uma Exposição documental intitulada "42 anos de fascismo em Portugal".

Alarmado com o a seus olhos surpreendente relêvo que a imprensa deu a tôdas essas manifestações, o cônsul de Salazar — e agora de Caetano — em São Paulo, sr. Luis Soares de Oliveira, desdobrou-se então em iniciativas junto da Pontifícia Universidade Católica e das redações de vários jornais — alguns chegaram a dedicar mais de metade de uma página ao relato das Conferências — no intuito de combater o trabalho desmistificador dos democratas portugueses. Entretanto, em vez de obter êxito nessas diligências, cobriu-se de ridículo, vendo denunciadas nas colunas da Imprensa tôdas as suas manobras de dócil serventuário do fascismo e do colonialismo.

42 ANOS DE SALAZARISMO

A Exposição inaugurada no Grêmio dos estudantes da faculdade de Filosofia alcançou o maior êxito, sendo visitada por centenas de alunos.

Logo à entrada, dois painéis chamavam a atenção. No primeiro, viam-se numa tribuna Salazar e seus ministros fazendo a saudação fascista durante um

desfile da Legião e da Mocidade Portuguesa em 38. No outro ao lado o povo — 200.000 pessoas — nas ruas do Porto em 58 quando o general Humberto Delgado visitou a Cidade Invicta durante a sua campanha como candidato das forças democráticas. Em diferentes painéis figuravam os retratos de alguns dos muitos pa-

triotas assassinados pela PIDE: o general Delgado, Dias Coelho, Militão Ribeiro, Catarina Eufêmia e a brasileira Arajaryr Campos; e de presos deportados e exilados políticos, como Pires Jorge, Dias Lourenço, José Bernardino, Alvaro Veiga de Oliveira, Manuel Serra, Mario Soares, Ligia Calapez e o bispo de Porto, D. António Ferreira Gomes; vendo-se também imagens da sinistra Fortaleza de Peniche, do campo do Tarrafal e da Cadeia da PIDE no Porto. Outros painéis exibiam mapas minuciosos com quadros estatísticos reveladores do atraso econômico e cultural de Portugal na era fascista, demonstrando com números extraídos dos Anuários das Nações Unidas que o nos-

(Continua na pág. 5)

É HORA DE ATACAR!

Já passou um mês desde que Marcelo Caetano substituiu oficialmente Salazar à frente da ditadura portuguesa. Desapareceu o ditador. O fascismo está gravemente ferido. A crise política interna do regime é um fato. Mas a ditadura continua, embora se agravem as contradições intestinas que separam os vários clãs salazaristas.

Uma conclusão se pode desde já tirar dos primeiros atos e manobras do novo governo: os fascistas tudo farão para manter o fascismo! Marcelo Caetano mostra-se pródigo em afirmações que são interpretadas pelos elementos mais conservadores da sociedade portuguesa como expressão de tendências "liberalizantes". Mas os fatos reais desmentem diariamente os propósitos de mudança que lhe são atribuídos por uma hábil campanha de propaganda desencadeada pelos próprios órgãos de informação do Estado. De concreto, temos o seu discurso de posse. E esse é bem o discurso de um herdeiro de Salazar, o discurso de um fascista!

A liberdade terá de ser conquistada pelo povo. Neste momento em que o inimigo se acha enfraquecido, seria um erro fatal a expectativa. As forças democráticas não podem esperar os acontecimentos, aguardar o cumprimento das nebulosas promessas de Caetano. "Portugal Democrático", fiel à sua linha de rumo de intransigente combate ao fascismo, considera acima de tudo perigosa a tese de certos setores oposicionistas favoráveis a uma posição de "vigilância defensiva". A idéia de que a luta de massas não deve ser levada adiante para não alarmar os "liberalizantes" não envolve apenas um grave erro de análise: gera a descrença, prejudica a mobilização popular e revolucionária, é, numa palavra, um serviço prestado ao adversário.

O que menos importa no momento é o que diz o sr. Caetano e quem são os seus colaboradores. O fundamental é que as forças democráticas se mantenham unidas, firmes ante tôdas as manobras divisionistas, que saibam responder com dignidade às tentativas do fascismo para isolar os setores de vanguarda e que insistam nas reivindicações básicas formuladas pelo povo: ANISTIA, FIM DAS GUERRAS COLONIAIS, EXTINÇÃO DA CENSURA E DA PIDE, RESPEITO POR TODOS OS DIREITOS CONSTANTES DA DECLARAÇÃO DOS DIREITOS DO HOMEM, CONVOCAÇÃO DE UMA CONSTITUINTE!

Se as forças populares se lançarem à luta com confiança, com audácia, bem organizadas e unidas, criar-se-á rapidamente uma situação inteiramente nova que levará à destruição do fascismo. O caminho que se abre ao povo português é o da luta. Chegou a hora de atacar, de desencadear a ofensiva em tôdas as frentes! Nosso apêlo, carregado de fé, dirige-se à classe operária, aos camponeses sem terra, à juventude trabalhadora e das escolas, aos intelectuais, aos soldados e marinheiros revolucionários, aos oficiais patriotas, às mulheres portuguesas! "Portugal Democrático" saúda todos os combatentes da liberdade, espera que, unidos e confiantes, se batam por uma redemocratização da sociedade portuguesa que jamais lhes será concedida, sem luta, pelo fascismo ou pelas cassandras da conciliação.

PORTUGAL
DEMOCRÁTICO



Um aspecto do jantar de confraternização comemorativo do aniversário da Revolução Republicana do 5 de Outubro de 1910, realizado em São Paulo.

O NÃO AO SALAZARISMO SEM SALAZAR

— nota dominante na inauguração do Centro Republicano no Rio

Realizou-se no Rio de Janeiro, no passado dia 11 do corrente mês de Outubro, o ato inaugural do Centro Republicano Português na Guanabara, o qual teve a presença de numerosos democratas portugueses daquela cidade e de uma delegação ida especialmente de São Paulo.

A inauguração seguiu-se um jantar de confraternização democrática, em que tomaram parte cerca de uma centena de pessoas. Ambas as solenidades se constituíram em válida afirmação dos princípios pelos quais se norteia a Oposição Portuguesa no Brasil. A imprensa do Rio de Janeiro deu ampla cobertura à iniciativa, acompanhando-a com muito interesse e apoiando a atitude que sempre temos tomado de incondicional repúdio à ditadura e mais recentemente, também, àquilo que se convencionou chamar de salazarismo sem Salazar, ou seja a continuação do status quo fascista.

Entre os que estiveram ou se fizeram representar em ambos os atos citamos: o editor e jornalista Enio Silveira; o jornalista e escritor Joel Silveira; Moacyr Felix, Diretor da Paz e Terra; Mário da Silva Brito, Diretor da Editora Civilização Brasileira; os escritores Otto Maria Carpeaux, Dias Gomes, Leandro Konder Ferreira Gullar, Waldo César, Paulo Motta Lima e Barata Sarmento; Lorenzo Serrano, pelo Governo da República Espanhola no Exílio; e o prof. Antônio Houaiss.

A INAUGURAÇÃO DO CENTRO

Na inauguração do Centro, na Praça Floriano 19, sala 65, estiveram presentes não somente algumas das figuras mais representativas da Oposição como igualmente individualidades do maior destaque na vida brasileira, cujos nomes citamos acima; impedidos de comparecer muitos de nossos amigos brasileiros aderiram através de cartas, telegramas e telefonemas.

A sala do Centro estava decorada com faixas que interpretavam os verdadeiros sentimentos da Oposição. Algumas delas: "Não ao salazarismo sem Salazar"; "Supressão da censura; extinção da PIDE"; "Viva a República"; "Eleições Livres; Unidade de Ação".

Perante a enorme assistência que lotava completamente a sala — que embora grande se tornou pequena para comportar tão elevado número de pessoas — usou em primeiro lugar da palavra o Presidente em exercício do Centro Republicano de São Paulo, sr. Carlos Assumpção Neves, que se congratulou com o acontecimento, o qual considerou da maior expressão no âmbito das atividades oposicionistas. A seguir, o Comandante Oliveira Pio, Presidente do Centro carioca, disse também breves palavras, conclamando todos os democratas a manterem-se unidos e organizados no combate à ditadura.

Seguiu-se um "Porto de Honra", após o que se encerrou a cerimônia, a qual se revestiu realmente da maior expressão cívica e democrática.

O JANTAR DE CONFRATERNIZAÇÃO

Depois do ato de inauguração todos os presentes se dirigiram para os salões do Automóvel Clube do Brasil, onde teve lugar o jantar de confraternização, o qual representou também uma expressiva afirmação de princí-

pios através das orações pronunciadas pelos democratas que então se fizeram ouvir.

Presidiu o Comandante Francisco de Oliveira Pio, que dava a direita à Senhora do Embaixador Alvaro Lins — representando o Embaixador, impedido de comparecer por se encontrar fora do Rio de Janeiro — e a esquerda ao escritor Otto Maria Carpeaux; noutros lugares da mesa de honra viam-se as Senhoras Oliveira Pio, Veiga Leitão e Capitão Pedroso Marques e os Srs. Sarmento Barata, Capitão Pedroso Marques, Leandro Konder e Carlos Assumpção Neves.

A sobremesa, o Comandante Oliveira Pio deu a palavra ao Capitão Pedroso Marques, Secretário do Centro carioca, que leu o Expediente, anunciando terem sido recebidos entre outros, telegramas dos srs. profs. Ruy Luis Gomes e José Morgado.

A seguir, foi lido o importante documento que publicamos com o devido destaque em outro lugar desta edição e que reafirma o repúdio ao Salazarismo sem Salazar que se pretende implantar em Portugal.

Tendo como primeiro signatário o Comandante Oliveira Pio o documento, muito aplaudido, foi firmado por todos os portugueses presentes.

PALAVRAS DA EMBAIXATRIZ HELOISA LINS

A Senhora Heloisa Lins leu, então, uma curta alocução que transcrevemos na íntegra, tanto ela traduz a amizade que liga o casal Lins a Portugal e aos portugueses e tanto ela nos emocionou. O seu teor é o seguinte:

"Uma das mais fortes impressões da minha infância foi sempre no dia 31 de dezembro a despedida do Ano Velho e a chegada do Ano Novo. Sobre tudo dos desenhos que faziam do Ano Velho, alquebrado, barbudo, desganhado, apoiado em seu cajado. Não era nunca um velho saudável, era sempre um velho feio. E isto me fazia espécie. Por que o Ano Velho tinha um ar tão humilhado, tão amargurado?

Quis o destino que à minha geração fôsse dado viver o momento de fundar de um período na história da humanidade. E revenido a parte que coube à minha geração, neste fim de Era, é que posso compreender porque o Ano Velho era sempre feio e os jovens não o entendiam. Somando-os a todos eu os vejo marcados pelas guerras, pelo ódio, pela maldade, pela exploração de um povo por outro povo, pela escravidão de um homem por outro homem.

E acompanho o sofrimento daqueles que por serem jovens, ou por terem maior sensibilidade, prevêm a chegada de uma nova Era, e não se querem acomodar, ou mesmo não se podem acomodar ao mundo velho que já não é o seu mundo. Eles já sentem o Mundo Novo. Já falam a linguagem do Mundo Novo. E por isso não se entendem com os que teimam em usar a linguagem do mundo velho.

A vós portugueses foi dado sentir mais vivamente esta transformação. Assistis, no momento, como direi, materialmente, a este fim de um mundo velho, que teima em não se acabar, que já moribundo, ainda se agarra à vida, num vai e vem. Mas não precisamos ser profetas para saber que está no fim e que o despertar de

um Mundo Novo pleno de esperança, de paz, de liberdade, vos está reservado para muito breve. Porque não haverá possibilidade de um neo-salazarismo, nem de um salazarismo sem Salazar.

E que para todos nós povos escravos das Américas ou da África chegue também muito breve a aurora do Mundo Novo, juntamente com a de Portugal!"

FALA VEIGA LEITÃO

Seguidamente o poeta e escritor Luis Veiga Leitão, depois de prestar uma homenagem muito especial à Embaixatriz Heloisa Lins, pronunciou as seguintes palavras:

"A República precisa de ser reconquistada e renovada — porque (na sabedoria de um grande poeta) só merece a liberdade e a vida quem todos os dias a conquista. Daí

No renôvo de suas mãos depomos memórias de cicatrizes a fome, o sonho, a esperança Nós — a árvore que não cansa de dar fôlhas, frutos, rebentos, com golpes no tronco e nas raízes No renôvo de suas mãos depomos todo o mundo que somos: Nós — o Povo

E quase ao terminar, evoco nas líricas de Camões a seguinte estrofe, permanente e dialética:

Mudam-se os tempos, mudam-se [as vontades Muda-se o ser, muda-se a con- [finança Todo o mundo é composto de [mudança Tomando sempre novas qualidades

Só a teimosia crua do fascismo implantado há quarenta anos, em Portugal nega os ventos de mudança. Implacável retorno aos tempos inquisitoriais (perseguição, cárcere, degrêdo, morte), aquando o autor da tragédia CASTRO, António Ferreira, em 1965, escreve:

A medo vivo, a medo escrevo e [falo; hei medo do que falo só comigo; mas inda a medo cuido, a medo [calo

Quatro séculos depois, em 1965, sob a epígrafe textual "Os medos — plagiados em parte de António Ferreira — um poeta das novas gerações, diz-nos:

A medo guardo confissão, segrêdo Dúvida e Fé. A medo. A medo tudo Que já me querem cego, surdo e [mudo

É isto a noite. Noite de pedra do fascismo. Pedra, cuja sombra esmaga, no forte de Peniche, no forte de Caxias e demais prisões que transformaram o País "lâmpada marinha", como canta Neruda, numa penitenciária ensombrando o mar..."

INTERVENÇÃO DE PEDROSO MARQUES

Seguiu-se no uso da palavra o Capitão Pedroso Marques. Começou Pedroso Marques por dizer que depois da última reunião havida para criar o Centro Republicano no Rio de Janeiro tinham acontecido fatos importantes na



Um aspecto da Mesa que presidiu ao jantar de confraternização realizado nos salões do Automóvel Clube do Brasil, vendo-se a Embaixatriz Heloisa Lins, o Comandante Oliveira Pio e o escritor Otto Maria Carpeaux.

vida política portuguesa que, podiam influir na nossa ação, referindo-se ao afastamento de Salazar e fazendo notar que continuamos em Portugal com um regime fascista, um salazarismo sem Salazar, tendo este em seu lugar "um fascista que parece fludir alguns democratas menos avisados por, efetivamente, se haver apresentado menos salazarista nos últimos anos. Mas nada indica que deixasse de continuar corporativista na ordem económica, colonialista e ditatorial, na ordem social e política".

Prosseguindo, Pedroso Marques disse que sendo isto que caracteriza o regime sabemos que ele pertence ao domínio das realidades condenadas pela História, pois a tônica de quarenta anos de salazarismo é representada pela maior taxa de analfabetismo da Europa e também a maior taxa de emigração, afirmando que a maior concentração do trabalho nacional não está no Barreiro nem em São João da Madeira, mas na cintura industrial de Paris!

Depois de citar outras características do fascismo lusitano, como o crescente índice de condenações políticas e a famigerada lei de medidas de segurança, a censura prévia à imprensa, etc. o orador abordou o aspecto da exploração colonial e um conjunto de estruturas baseadas em conceitos artificiais de moeda forte e finanças estáveis, referindo-se aos gastos que estão sendo feitos com as guerras em Angola, Moçambique e Guiné, que consomem cerca de 40% do orçamento português, salientando que a independência das colônias se justifica por motivos pragmáticos, realistas, éticos e culturais. Terminou a sua aplaudida intervenção, afirmando que os democratas portugueses dizem não ao salazarismo sem Salazar e exortando os presentes a pensar nas consequências de fato de o ditador não mais significar uma força aglutinadora na corte fascista, encerrando o seu discurso com afirmações de fé no futuro democrático de Portugal.

O jantar encerrou-se com breves palavras do Comandante Oliveira Pio, que se referiu à honrosa presença da Senhora Alvaro Lins, dizendo que não se sabe se este é o mais português dos brasileiros ou o mais brasileiro dos portugueses e que o mais certo será considerar que é ambas as coisas, uma vez que encarna como ninguém a autêntica fraternidade luso-brasileira. Oliveira Pio disse

ainda estar junto com o casal Lins no que se refere aos seus corações de Pais tão atormentados no momento e agradecendo a todos os presentes a sua comparação, em especial aos oradores da noite que, "com o calor da palavra dão força e ânimo para que o Centro seja o continuador da obra já realizada em São Paulo para que se cumpra até o fim a sua grandiosa missão", considerou terminadas a cerimônias comemorativas do dia.

Natal do Prêso Político

O Natal do Prêso Político Português deixou de ser uma iniciativa dos democratas portugueses do Brasil para se tornar mundial. São hoje varios os países, tanto na America como na Europa que procedem a recolha de donativos para os patriotas que sofrem nas cadelas, presidios e campos de concentração do fascismo.

"Portugal Democratico", que se orgulha de haver lançado a campanha há mais de dez anos, cumpre um dever lembrando que este ano, mais do que nunca, é do maior interesse que a iniciativa alcance uma repercussão excepcional. No momento em que o salazarismo sem Salazar procura, vencendo as contradições internas do sistema implantar-se, cabe aos democratas portugueses em todo o mundo denunciar essa manobra do fascismo. E um dos meios mais eficazes de atingir esse objetivo consiste precisamente na dinamização de campanhas como o Natal do Prêso Político. É preciso que se saiba, que todos os amigos do povo português saibam que os presidios fascistas continuam atulhados de patriotas, que a PIDE tem carta branca para agir e que a repressão em Portugal é hoje como ontem, uma das mais ferozes em todo o mundo.

Apelamos por isso aos nossos leitores. Cada donativo que nos seja enviado para os presos políticos e suas famílias será um serviço prestado à luta contra o fascismo.

Em 1967, a subscrição realizada atingiu 527 cruzelros novos. É preciso que essa soma seja ultrapassada em 1968.

Nolas e comentários

Ofensiva em todas as frentes

Os democratas portugueses do Brasil são um segmento da Oposição democrática portuguesa. Por motivos cuja análise não cabe nestas linhas não puderam ao longo dos últimos dez anos — isto é desde que o aparecimento de "Portugal Democrático" tornou possível um trabalho organizado no combate ao fascismo — realizar tudo o que pretendiam. Mas têm a consciência de haver cumprido na medida do possível as tarefas ao seu alcance na luta permanente contra a engrenagem monstruosa simbolizada pelo homem que acaba de desaparecer da cena política portuguesa.

Com a morte política de Salazar, mudou a conjuntura, alteraram-se as perspectivas e ampliaram-se as tarefas. O problema central que a Nação defronta neste momento é o problema do regime. Com o desaparecimento do ditador deve acabar a ditadura. A hora é pois de ofensiva em todas as frentes.

Os democratas portugueses do Brasil unidos em torno de "Portugal Democrático" compreenderam essa necessidade desde o primeiro instante e vêm agindo de acordo com ela. Tão logo se abriu o debate em torno da sucessão de Salazar, tomamos a ofensiva e nela nos encontramos, como destacamento de combate de vanguarda do povo português. Em meados de Setembro lançamos uma edição Extra do nosso jornal em que, juntamente com um levantamento da tragica herança de 42 anos de fascismo, publicamos um Manifesto ao povo português assinado por dezenas de destacados antifascistas — tendo como primeiros signatários o prof. Ruy Luis Gomes e o comandante Oliveira Pio — e o Memorial que as organizações antifascistas portuguesas do Brasil, do Uruguai, da Argentina, dos Estados Unidos, da Venezuela e do Canadá, enviaram na altura ao presidente da XXIII Assembleia das Nações Unidas, condenando o colonialismo e reafirmando a sua posição a favor da independência das colónias portuguesas.

Pela leitura deste numero de "Portugal Democrático" verificarão os nossos leitores e amigos a importância e a profundidade do que foi realizado nas últimas semanas. A exposição "42 anos de Fascismo em Portugal" constituiu um êxito notável. Pela sua grande repercussão, tanto entre a juventude universitária como nas colunas da imprensa, maior foi ainda o significado da serie de Conferências realizadas na Pontificia Universidade Católica de São Paulo, no âmbito do Curso de Introdução à Ciencia Política.

Decorridos alguns dias, com a presença de uma numerosa delegação de democratas idos de São Paulo, inaugurava-se no Rio a sede do Centro Republicano Português da Guanabara, que tem como presidente o comandante Oliveira Pio, admirável figura de democrata e companheiro dedicado do ge-

neral Humberto Delgado. Só por si, o relevo que a imprensa do Rio deu ao jantar presidido pela Embaixatriz Heloisa Lins no Automovel Clube do Brasil e ao manifesto dos democratas portugueses, então lido e aprovado na presença de alguns dos nomes mais expressivos da intelligentsia brasileira vale por uma grande victoria política. Recebidos fraternalmente em quase todas as Redações os democratas portugueses do Rio e de S. Paulo, tiveram a possibilidade de esclarecer amplamente a opinião pública do Rio de Janeiro sobre o caracter mistificador da anunciada "liberalização" do governo do sr. Marcelo Caetano.

A independência das colónias

Nunca é demais repetir que o momento é de ofensiva em todas as frentes. Uma das principais, ninguém o desconhece, é a da guerra colonial. Nesse ponto o sr. Marcelo Caetano não recorreu no seu discurso de posse aos rodeios e ambiguidades que caracterizam várias passagens da sua arenga. Foi de uma clareza meridiana: a politica colonial de Salazar será mantida sem vacilações.

Foi sem surpresa que registamos essa profissão de fé colonialista do antigo ministro das Colónias da ditadura. Ela vem aliás desfazer eventuais, e sempre perigosas, ilusões. Nas Colónias, como no Continente, a liberdade não será concedida, terá de ser conquistada! O Exército de Africa, cujos efectivos ascendem a 150.000 homens, iniciou mesmo já, através da sua cúpula de generais fascistas, uma manobra destinada a intensificar a escalada bélica. Segundo telegramas divulgados pelas agencias noticiosas internacionais e publicados em dezenas de jornais, o "esforço de guerra" seria ampliado nos proximos meses a fim de se obter uma "pacificação completa". A tese dos generais fascistas não apresenta qualquer originalidade. É, afinal, a mesma lenga lenga a que recorriam os Ely e os Salazar, quando, na Argelia e na Indochina pediam reforços e confiança, anunciando o esgotamento do inimigo e "o ultimo quarto de hora" antes da vitória. Os generais fascistas portugueses querem repetir uma vez mais a história, em farsa. Salazar estaria velho e incapaz de compreender as realidades de uma campanha extremamente difícil e complexa. Com Caetano, tudo mudaria, e a "pacificação" estaria agora ao alcance do Exército.

A essa linguagem mistificadora e criminosa é preciso, é indispensável responder com uma campanha desmistificadora. Os democratas portugueses não podem, em relação ao problema colonial como a outros, permanecer na expectativa, aguardar a "mudança", esperar do governo do sr. Caetano a solução que ele não deseja nem pode dar-lhe. É simplesmente ridícula a tese de que cabendo a Salazar a responsabilidade pelo impasse colonial compete aos seus atuais

herdeiros resolvê-lo. Ilusões como essa, na medida em que contaminarem setores mais ou menos amplos de uma opinião publica pouco politizada como a portuguesa, representam um grande serviço prestado ao inimigo.

A libertação das colónias portuguesas é uma imperiosa necessidade para a libertação do povo português. Não há que escamotear o problema, que disfarçar a verdade sob eufemismos infelizes. Se há uma questão em relação a qual, nos ultimos anos, a esmagadora maioria dos democratas portugueses do Exterior se manteve firmemente unida é precisamente a relativa à independência das colónias. Vamos mesmo ao ponto de dizer que — com excepção do capitão Henrique Galvão — não existe em toda a emigração politica portuguesa no Exterior nenhum opositorista destacado que não se tenha comprometido em documentos endereçados às Nações Unidas, a outras entidades internacionais ou à imprensa a defender o irrestricto direito das colónias portuguesas à autodeterminação e à independência. É compreensível que democratas do Interior usassem de cautelas especiais para expressar idéntica posição, pois uma simples ousadia terminológica bastava para que fossem apontados como "traidores à Patria" e processados sumariamente.

Não nos parece superfluo insistir em questão de tamanha transcendência. O sr. Marcelo Caetano mostrou já que é um equilibrista consumado e um pescador de aguas turvas. Se os democratas portugueses no Exterior proclamaram durante anos que se consideram "aliados naturais dos povos das colónias portuguesas têm agora uma esplêndida ocasião de o demonstrar. Não podem recuar um passo. Ante os cânticos das sereias neo-colonialistas, ante as manobras capciosas de todos os oportunistas mascarados de tácticos cabelhes honrar os compromissos assumidos, reafirmar o que sustentaram nas dezenas de pronunciamentos em que apuseram os seus nomes.

No tempo do sr. Caetano, como na era de Salazar, defender o direito dos povos das colónias portuguesas à independência significa defender o direito do povo português à verdadeira independência nacional! No momento, a palavra de ordem deve ser o FIM DAS GUERRAS COLONIAIS E A ABERTURA IMEDIATA DE NEGOCIAÇÕES COM OS REPRESENTANTES DO MOVIMENTO NACIONAL LIBERTADOR DAS COLONIAS PORTUGUESAS!

Caetano responsabilizado pelo destêrro de M. Soares

Logo que as agencias noticiosas internacionais divulgaram no Brasil telegramas de Lisboa aludindo a uma eventual libertação do dr. Mario Soares, a concretizar-se em data a fixar, as organizações democraticas portuguesas do Brasil dirigiram ao bastonário da Ordem dos Advogados, a carta que abaixo publicamos, cujo primeiro signatario é o prof. Ruy Luis Gomes.

Exmo. Senhor
Bastonário da Ordem dos Advogados
Dr. Pedro Pitta
Lisboa

Em março, pp. quando o dr. Mario Soares foi deportado para a Ilha de São Tomé, por decisão do Conselho de Ministros tomada com base num decreto-lei expressamente desenterrado para o efeito dos arquivos do Estado fascista português, os signatários desta carta promoveram no Brasil ampla campanha de esclarecimento da opinião pública sobre o significado dessa iniquidade juridica e tomaram nesse sentido uma serie de iniciativas, entre as quais o envio de um Memorial à Comissão dos Direitos do Homem das Nações Unidas, tendentes a responsabilizar internacionalmente o governo do sr. Oliveira Salazar por esse crime.

Em consequência das mudanças agora operadas na cena politica portuguesa, noticiaram as agencias internacionais que o sr. Marcelo Caetano, substituto do sr. Oliveira Salazar na chefia do governo da ditadura portuguesa, teria comunicado por vias officiosas à Imprensa que o dr. Mario Soares poderia regressar a Portugal a partir de meados de dezembro próximo ao completarem-se um ano sobre a data da prisão que o atingiu, precedendo o destêrro.

Foi com um sentimento de indignação que os signatários tomaram conhecimento dessa manobra politica cujos objetivos mistificadores são evidentes. O que a propaganda fascista, insidiosamente, pretende apresentar como um gesto de clemência, visando iludir os ingenuos, é na realidade uma nova monstruosidade contra a qual se insurgem muitos democratas que no exterior se bateram desde a primeira hora pela libertação do dr. Mário Soares. Se o sr. Marcelo Caetano e os seus colaboradores reconhecem tacitamente que a deportação do dr. Mário Soares foi uma monstruosidade juridica que deve ser anulada, é simplesmente inadmissível que o regresso daquele destacado democrata, ex-

gido pelo povo português, seja adiado.

Coerentes com a atitude de irrestrita solidariedade que assumiram para com o dr. Mário Soares, os signatários têm a honra de solicitar de V. Exa. se digne, na qualidade de Bastonário da Ordem dos Advogados, tomar as providências cabíveis para que a ambigua situação criada pelo governo do sr. Marcelo Caetano — insustentável à luz do Direito Internacional — seja esclarecida. Ou o dr. Mário Soares é imediatamente restituído à liberdade ou o sucessor do sr. Oliveira Salazar, ao mantê-lo no destêrro, assume perante a Nação portuguesa e o Mundo, a responsabilidade pelo crime praticado pelo ditador que o precedeu.

Por outro lado, informados das diligencias de V. Exa. referentes ao caso especifico do dr. Mario Soares, permittem-se os abaixo assinados também ao congratular-se pelo caracter patriótico das mesmas manifestar a certeza que os anima de que a Ordem dos Advogados não deixará, como guardiã das tradições juridicas portuguesas, de se empenhar junto do governo do sr. Marcelo Caetano para que seja abolida a monstruosidade designada por "medidas de segurança" e postos em liberdade todos os presos politicos que já cumpriram as suas penas e obtida uma anistia total para os demais.

Saudações patrióticas

Ruy Luis Gomes — ex-candidato à presidência da República, Pelo Centro Republicano Português de São Paulo: Carlos Assumpção Neves — Alexandre Pereira — Fernando Ramos — Manuel Rodrigues da Silva — Manuel Soares — Juvenal de Oliveira — Joaquim José — Mario de Oliveira. — Pelo Centro Republicano Português do Rio de Janeiro: Francisco de Oliveira Pio — Eugénio Mercês — José da Costa Bastos — Jaime Sabino — Manuel Lourenço Neto — Amílcar Mercês — Pedrosa Marques — Pelos Democratas Portugueses do Recife: — José Morgado — Angelo Ferreira da Silva — Pelo jornal Portugal Democrático: Augusto Aragão — Joaquim Barradas de Carvalho — Manuel Moura — Helder Costa — Miguel Urbano Rodrigues — Vitor Ramos — Francisco Vidal. — Pela Unidade Democratica Portuguesa: — José Mario Bodas — Mario Henrique Leiria — Maria Manuela Gouveia — Maria Antonia Fiadello — Joaquim Quitério — Manuel Rocheta — Maria Sofia Cesar — Julio Pereira — Mario Tavares — Humberto Silva — José Martins — Augusto Vasconcelos.



agência TRIÂNGULO de seguros s. a.

SEGUROS DE VIDA EM GRUPO E COLETIVOS DE ACIDENTES PESSOAIS

RUA BRAULIO GOMES 107 - 4.º andar - conjunto 42

Telefones: — 32-4882 e 37-2774

SEGUROS DE INCÊNDIO SEGUROS EM GERAL

Endereço Telegráfico: — "CAMBRONNE"

SÃO PAULO

O 5 DE OUTUBRO EM S. PAULO

Patriotismo, vibração, esperança, eis as características deste primeiro 5 de outubro depois do desaparecimento de Salazar da cena política. O tradicional jantar de confraternização organizado pelo Centro Republicano Português foi marcado este ano por uma afluência de democratas ainda maior do que a verificada nos anos anteriores. A sala estava ornamentada com as bandeiras portuguesa e brasileira e a sessão começou ao som dos hinos dos dois países. Nas paredes, grandes bandeiras recordavam aos presentes as palavras de ordem em que a Oposição democrática portuguesa no Brasil vem insistindo e das quais destacaremos, pela sua flagrante oportunidade no presente momento as duas que nos parecem mais significativas: **Unidade e Não ao salazarismo sem Salazar.**

Presidiu ao ato, como habitualmente, o Comandante Sarmiento Pimentel, ladeavam-no o Professor Ruy Coelho, catedrático de Sociologia I da Universidade de S. Paulo, o Embaixador da Argélia, dr. Keramane, o Professor Antonio Cândido, da Cadeira de Teoria Literária da USP, o Professor Otavio Ianni, da Cadeira de Sociologia II, o Professor Ulpiano Bezerra de Menezes, o jornalista Paulo de Castro do **Correio da Manhã** do Rio de Janeiro, José Vendrell, Presidente do Centro Democrático Espanhol, D. Margarida Barradas de Carvalho, Professora da Universidade Católica de S. Paulo e Dra. Dolores de Melo Vassão. Anotamos ainda a presença de Lorenzo Serrano, representante da República Espanhola no exílio, Dr. Murillo Mello, Dr. Freitas Nobre, ex-Vice Prefeito de São Paulo, Prof. Miguel Costa Jr. e jornalista Guy Arditi, diretor da Agence France Presse em São Paulo.

Fala o Professor Ruy Coelho

Após a leitura do expediente, que adiante publicamos, o Professor Ruy Coelho, orador convidado desta noite, que num discurso de alto teor literário começou por manifestar a sua fé no futuro de Portugal, salientando que as grandes qualidades do povo português passam hoje despercebidas aos que têm apenas um conhecimento superficial do nosso país. Numa interpretação extremamente lucida da conjuntura histórica portuguesa, o Professor Ruy Coelho — interrompido com frequentes aplausos — atribuiu à implantação de uma estrutura fascista incompatível com a essência do homem português essa estagnação em que o país vive hoje e que mantém adormecidas as virtualidades de uma raça que prestou tão grande contributo ao progresso da humanidade.

A intervenção de Paulo de Castro

Falou seguidamente o jornalista Paulo de Castro que, de improviso, começou por insistir nos três postulados que considera fundamentais para a redemocratização de Portugal: anistia aos presos e exilados políticos, supres-

são da censura e restabelecimento das liberdades individuais.

Destacando a importância da unidade entre todas as correntes anti salazaristas, em seguida afirmou que não se podia esquecer o grande e fundamental problema das colônias, tão complexo, e que o governo tem apenas adiado. Cumpre ao governo resolvê-lo, e ter a coragem moral de dizer que é necessário preparar o povo português no sentido de admitir que se trata apenas de um caso particular de um problema universal. Quem mistificou, afirmou, deve desmistificar e preparar as soluções adequadas. O governo deve resolver o problema, prosseguiu, reconhecendo que um diálogo tão sério quanto responsável com a oposição, a começar pela livre troca de ideias na imprensa, pode não ser ainda a solução mas já é uma premissa, a partir da qual se poderá eventualmente, como acontece em todos os países civilizados encontrar uma solução digna da nossa pátria. Concluindo, Paulo de Castro afirmou incisivamente que pela primeira vez em 40 anos existe no nosso país a possibilidade de se fazer qualquer coisa em benefício da nação, da democracia e das populações das colônias portuguesas.

Palavras do dr. Freitas Nobre

Tomou então da palavra o antigo vice Prefeito de São Paulo, dr. Freitas Nobre, que depois de saudar os democratas portugueses presentes, recordou a longa história do fascismo em Portugal para concluir que, na era espacial, na era em que um satélite artificial permite transmitir em segundos uma informação para o mundo inteiro, é inconcebível a permanência no poder de uma ditadura tão retrógrada e tão obsoleta como é o salazarismo.

Manifestações de solidariedade

Procedeu-se então à leitura do expediente: telegrama dos Professores Ruy Luis Gomes e José Morgado "saudando todos os democratas portugueses de São Paulo pela brilhante denúncia de 42 anos de fascismo e pelo fortalecimento da unidade pela democracia portuguesa"; do coronel Oliveira Pio "cumprimendo todos os democratas portugueses nesta hora de esperança no restabelecimento das liberdades públicas no nosso país"; saudações dos democratas portugueses do Rio, José Bastos, Jaime Sabino, Veiga Leitão, Sofia Veiga Leitão, José Valverde, Manuel Lopes, Joaquim Simões, Carlos Almeida e Capitão Pedroso, do padre Paulo Resende, Professor da Faculdade de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de S. Paulo, do deputado David Lerer, vice líder do MDB na Câmara Federal, representado por seu irmão Bernardo Lerer, Alvaro de Faria e da deputada federal Ivette Vargas.

Do Prefeito de São Paulo, Brigadeiro Faria Lima recebeu-se uma mensagem pedindo desculpas pelo não comparecimento, devido aos seus múltiplos afazeres.

Vibrante saudação de Florestan Fernandes

Finalmente, foi lida uma carta do Professor Florestan Fernandes, da Universidade de São Paulo, que recebeu a maior ovação da noite. Nela, o consagrado mestre, tradicional amigo dos portugueses, nas horas mais amargas e mais difíceis escreveu: "Envio-lhes, com as minhas saudações democráticas, um caloroso apelo para a luta pela democratização de Portugal. Morto um tirano, sobe outro, sem morrer a tirania. Os patriotas portugueses não podem consentir nessa agonia de Portugal. Há quem fale na emergência da "democracia consentida". Ora, não existe democracia consentida: onde não existe democracia só há consentimento para o despotismo dos poderosos". E concluiu afirmando: "Acredito que o nosso venerável comandante Sarmiento Pimentel prometerá um próximo 5 de outubro em Portugal. Essa aspiração poderá, desta vez, concretizar-se, se o Povo Português tomar em armas contra a ditadura, contra o salazarismo sem Salazar e pela redenção democrática de Portugal". Esta carta vinha assinada "como um soldado brasileiro das hostes democráticas portuguesas".

A alocução do comandante Pimentel

Encerrando a lista dos oradores oficiais da noite, o sr. Comandante Sarmiento Pimentel pronunciou breve alocução, na qual, depois de chamar a atenção para o fato de se encontrarem pre-

sentes na sala professores universitários em numero igual aos que existem em toda a Faculdade de Letras de Lisboa, o que prova a indigência a que se acha reduzida a Universidade portuguesa, prometeu que este seria o último jantar de 5 de outubro a que presidiria em São Paulo, pois o próximo, estava certo disso, seria comemorado em Lisboa, ainda que na prisão.

TELEGRAMA A MARCELO CAETANO

Aprovado por aclamação foi enviado ao Presidente do Conse-

lho que sucedeu a Salazar o seguinte telegrama:

Marcelo Caetano
Palácio São Bento
Lisboa

"Tendo várias vezes reclamado sem êxito ao Presidente Republicano Anistia presos e exilados políticos, supressão censura e extinção PIDE renovamos aquelas exigências na certeza de que não haverá um mínimo de condições para a democratização do país enquanto elas não forem atendidas. Democratas portugueses participantes comemorações cinco de outubro em São Paulo".

Manifesto à opinião pública brasileira

Publicamos abaixo o texto integral do manifesto à opinião pública brasileira, lido e aprovado por aclamação durante o jantar de confraternização realizado no Automóvel Clube do Brasil, comemorativo da inauguração do Centro Republicano Português no Rio de Janeiro. O documento, cujo primeiro signatário é o comandante Francisco de Oliveira Pio, obteve grande repercussão, tendo sido reproduzido na íntegra por vários jornais do Rio, entre os quais o "Jornal do Brasil" e o "Diário de Notícias".

O manifesto é do seguinte teor:

1 — Democratas portugueses do Rio de Janeiro, de São Paulo, e do Recife definiram-se recentemente, em documentos encabeçados pelo Comandante Oliveira Pio e Professor Ruy Luiz Gomes, sobre a situação criada pelo desarmamento de Salazar da cena política portuguesa. A nomeação do Sr. Marcelo Caetano para o cargo que durante 36 anos foi ocupado pelo ditador moribundo criou entre tanto uma conjuntura nova coloca os democratas portugueses no dever de virem mais uma vez a público, a fim de esclarecerem a opinião brasi-

leira, advertindo-a contra falsas e perigosas interpretações da sucessão do salazarismo.

2 — Contrariamente ao que certos telegramas de Lisboa, distribuídos pelas agências noticiosas, possam induzir a crer, não se registrou alteração nenhuma de importância na política do novo governo português. A tão falada "liberalização" do regime, que o Sr. Marcelo Caetano estaria já iniciando, não passa de uma fantasia e de uma arma de propaganda utilizada com fins mistificadores. O discurso de posse proferido pelo sr. Marcelo Caetano confirmou que as linhas fundamentais da política salazarista serão mantidas. O sr. Marcelo Caetano declarou sem rodeios que a política colonial não sofrerá alteração, retomando os slogans integracionistas que já valeram a Portugal uma sucessão de condenações no Conselho de Segurança e na Assembleia Geral das Nações Unidas; deu claramente a entender que a repressão prosseguirá; e viu-se também forçado embora de forma eufemística a lembrar que o seu governo não respeitará, como o anterior, os direitos constantes da Declaração Universal dos Direitos do Homem.

3 — Ante o salazarismo sem Salazar que está tomando forma em Portugal, reafirmam os signatários a sua certeza de que o diálogo entre quaisquer forças da Oposição e o governo do sr. Marcelo Caetano não poderá em hipótese alguma servir os interesses do povo português, pois se acha provado que uma das preocupações do ex-ministro das Colônias e ex-comis-

(Continua na pág. 9)

POR QUE O DIÁLOGO DO NOSSO TEMPO É O DO CRISTIANISMO COM O MARXISMO?

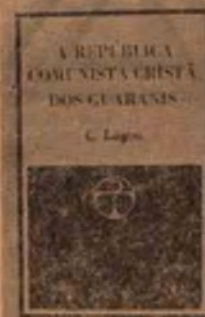


Podem católicos e marxistas conviver e lutar lado a lado pela construção de uma sociedade mais justa?

A resposta a esta pergunta crucial do mundo de hoje está no livro **DIÁLOGO PÔSTO À PROVA**

Diversos autores
Um dos mais aprofundados debates entre comunistas e católicos na busca de uma eventual coincidência a respeito do homem.

PREÇO NCr\$ 12,00



A REPÚBLICA COMUNISTA E CRISTÃ DOS GUARANIS

de Clóvis Lugon
Como um apaixonado romance, este livro descreve os 150 anos da primeira tentativa de vida comunista na América, promovida pelos jesuítas.

PREÇO: NCr\$ 14,00

Lançamentos da **PAZ E TERRA** Distribuição exclusiva da **CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA**

Rua 7 de Setembro, 97 - Rio de Janeiro - GB
Atende-se a pedidos pelo reembolso postal

NA P. U. C.

A situação da Classe Operária

(Continuação da pág. 1)

so País é hoje um caso à parte de subdesenvolvimento na Europa. Os visitantes apreciaram também de modo especial a parte do certame consagrada às guerras coloniais e à imprensa democrática antifascista do Interior e do Exterior, bem como o material referente às campanhas de solidariedade internacional à luta do povo português e particularmente às conferências de Amnistia aos Presos e Exilados Políticos realizadas em São Paulo, Montevideo, Paris, Toronto e Lausanne. Enquanto a Exposição permaneceu aberta, foram vendidos dezenas de livros sobre temas relacionados com a luta do povo português contra o fascismo e com as guerras coloniais, com destaque para as seguintes obras: "Resistência em Portugal", de Dias Coelho; "Guerra em Angola", de Moutinho de Pádua; e "Angola, Cinco Séculos de Exploração Portuguesa", de Americo Boavida. Foram também distribuídos aos visitantes centenas de exemplares da Edição Extra do nosso jornal, lançada por motivo do desaparecimento de Salazar da cena política portuguesa.

A QUESTÃO COLONIAL

A primeira conferência realizou-se no dia 23 de Setembro, no amplo salão de teatro do TUCA, sob a presidência do prof. Sergio Bandeira de Mello, que expôs os objetivos do Curso, chamando para a mesa de honra o prof. Florestan Fernandes, catedrático de Sociologia da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, e o comandante Sarmento Pimentel, presidente do Centro Republicano Português. Entre outras figuras destacadas da vida intelectual paulista compareceram as escritoras Lygia Fagundes Telles, Helena Silveira, e Suzana Beck, os profs. José Alberto Candeias, Leyla Perrone Moisés, Paulo Rezendé, o editor Caio Graco Prado, os jornalistas Ruy Martins, Odila Dudus, Judith Patarra, Renato Ribeiro dos Santos, a pintora Hil-de Weber, numerosos dirigentes estudantis, etc.

Coube ao nosso companheiro Miguel Urbano Rodrigues pronunciar a primeira conferência do ciclo, sobre "O Problema das "provincias ultramarinas". Após algumas palavras de abertura para esclarecer que essa expressão não passava de um eufemismo terminológico, forjado para mascarar o mais retrógrado e cruel dos colonialismos, Miguel Urbano falou durante mais de uma hora sobre o tema, analisando a problemática do colonialismo português no seu contexto histórico, político, económico e militar. Os fatos relacionados com a guerra colonial mereceram-lhe uma atenção particular e durante o animado debate que se seguiu com a participação de numerosos estudantes, e até de um jovem intelectual angolano, referiu episódios dramáticos sobre os crimes de guerra perpetrados em Angola, Moçambique e Guiné contra as populações africanas, acompanhando a sua exposição com a citação dos nomes dos autores de torturas monstruosas que superam em horror a lembrança do que de pior no género fizeram a Gestapo e os paraquedistas franceses na Argélia. No final, lembrou que os verdadeiros democratas portugue-

ses encaram como seus aliados naturais os patriotas africanos que se batem contra os exércitos colonialistas portugueses e, confessando a sua admiração por revolucionários como Amílcar Cabral, Mario de Andrade, Agostinho Neto e outros dirigentes do

PORTUGAL EM NUMEROS

Coube ao nosso companheiro Augusto Aragão tratar do tema "A situação da classe operária". Começou por salientar que, em Portugal, "não seria possível a participação de um trabalhador, num curso de extensão universitária, como o que estava sendo promovido pela Pontifícia Universidade Católica de S. Paulo". "As Universidades portuguesas — declarou — são autênticos feudos das classes dominantes, onde os raríssimos filhos de trabalhadores que lá conseguem entrar (apenas 2,9% dos estudantes universitários são oriundos das classes trabalhadoras) têm que esconder a sua origem de classe para não se verem relegados a um plano de inferioridade e a um isolamento humilhante".

Em seguida, servindo-se de dados estatísticos oficiais e do Anuário das Nações Unidas, esclareceu a posição do país em relação à Europa, demonstrando que "Portugal ocupa o penúltimo lugar em renda per capita: 330 dólares. Apenas a Turquia lhe fica atrás com 240 dólares, declarou. "A Espanha e a Grécia, países que juntamente com Portugal costumam ser apontados como exemplo de atraso social e retrocesso económico na Europa, apresentam índices de renda per capita respectivamente de 570 e 520 dólares, isto é, quase o dobro de nosso país".

Em relação à América do Sul, e segundo dados da CEPAL, concluiu que "o Brasil havia tido, em 1963, ano a que se reportou, uma renda per capita superior a de Portugal — 341 dólares, seguindo-se o México com 344, o Chile com 462, a Argentina com 721 e a Venezuela com 1.257 dólares. Citou ainda outros índices significativos para se avaliar o nível de vida do povo português, tais como: consumo de electricidade por habitante — 450 Kw anuais per capita; consumo de aço per capita: 74 kgs. por ano; autos por 1.000 habitantes: 25.

Mais do que as palavras — acentuou — os números citados esclarecem bem o verdadeiro carácter do regime salazarista e os resultados de 40 anos de administração fascista.

POPULAÇÃO ATIVA E P.N.B. — Mais adiante falou, sempre baseado em números, sobre a população ativa, sua distribuição e composição. Revelou que a população ativa tem diminuído, passando de 3.126.300 pessoas em 1960 para 3.068.800 em 1965, em consequência das guerras coloniais e da imigração. Quanto à distribuição da população ativa, estabeleceu comparações com alguns países europeus e americanos tendo demonstrado que, em 1960, a distribuição dos trabalhadores portugueses por ramos de atividade correspondia, sensivelmente, à dos seguintes países: E.U.U. — no ano de 1.880, isto é, um atraso de 88 anos!; Austrália, no ano de 1.880 e França, no ano de 1.890.

Sobre a composição da população ativa e repartição da propriedade dos meios de produção deu os seguintes números: patrões — 7,6%; proprietários sem pessoal

movimento nacional libertador das colónias portuguesas, declarou que é a luta heróica desses homens que deve merecer a solidariedade do povo brasileiro e não os generais e preconsules do colonialismo fascista dos Salazares e Caetanos.

permanente — 13,7%; assalariados — 49,8%; empregados — 21,5%; outros — 7,4%.

Para caracterizar a afirmativa tantas vezes repetida pelos trabalhadores de Portugal de que o governo fascista de Salazar é o governo dos latifundiários e do capital monopolista nacional e estrangeiro, referiu-se, em seguida, à concentração da propriedade e concentração da indústria e do capital financeiro, declarando que "0,3% das propriedades têm mais de 200 ha, representando 39% das terras cultivadas; 11 grandes empresas dominam a vida do país e 6 bancos, num total de 26, possuem 80% do ativo do sistema bancário nacional. Quanto ao domínio alienígena da economia nacional revelou que "75% do capital investido está direta ou indiretamente ligado ao capital monopolista estrangeiro".

Após ter analisado e comparado a evolução do Produto Nacional bruto total e por habitante, de 1958 a 1965, bem assim a taxa de crescimento económico no mesmo período, suas origens e distribuição por ramos de atividade, demonstrou que a repartição do rendimento nacional é feita na base de 2/3 para o Capital, ou sejam 61% e 1/3 para o trabalho, isto é, 39%. Exatamente o inverso dos países desenvolvidos, declarou.

SALÁRIOS DE FOME — Analisando, seguidamente, os níveis salariais dos operários industriais e agrícolas e preços de alguns géneros e utilidades demonstrou que o nível de vida dos operários portugueses é ainda inferior ao dos trabalhadores brasileiros. Entre vários exemplos citou: "o trabalhador português para comprar 1 kg de carne precisa trabalhar 1 dia, enquanto o operário paulista gasta apenas 3 horas". Referiu-se ainda à dieta e disponibilidades alimentares líquidas por habitante, denunciando que, segundo dados da FAO, a alimentação dos trabalhadores portugueses está abaixo do mínimo vital em proteínas.

HABITAÇÃO E CULTURA — Cerca de 340.000 famílias, isto é, mais de 1.300.000 pessoas, vivem em condições miseráveis. Milhares delas vivem abrigadas em fúrnas e em edificações ou partes de prédios não destinados à habitação.

Quanto à educação e cultura popular, revelou índices e estabeleceu comparações com outros países da Europa e da América que deixaram o auditorio estupefato. A percentagem de analfabetos (40,2%); a duração do ensino obrigatório (3 anos); a origem social dos estudantes universitários; o n.º de alunos matriculados nos estabelecimentos de ensino; a produção de livros, o consumo de papel de jornal, a tiragem de jornais, o n.º de aparelhos de rádio e televisores, e finalmente, as despesas públicas com a educação. Baseando-se no Orçamento Geral do Estado para 1968 esclareceu que os fascistas portugueses gastam 40,2% com as forças armadas e repressivas e apenas 8,8% com a educação pública. E concluiu: "esta é a situa-

ção da classe operária em Portugal, esta é a obra do fascismo salazarista em 42 anos de poder discricionário e terrorista".

MOVIMENTO SINDICAL E PREVIDÊNCIA — Após ter historiado o processo de fascização dos Sindicatos, a luta dos trabalhadores pela preservação dos sindicatos livres, que culminou com a insurreição operária armada de 18 de Fevereiro de 1934, denunciou a repressão ao movimento sindical e sua liquidação. Em seguida desmascarou a estrutura sindical fascista montada pelo governo de Salazar para dominar a classe operária em favor do patronato e seu enquadramento na organização corporativa do Estado, através dos chamados "sindicatos nacionais", "casas do povo" e "casas dos pescadores". Relatou os êxitos dos trabalhadores no aproveitamento, a partir de 1945, da própria estrutura fascista e como, paralelamente àquela estrutura, os trabalhadores se organizam em Comissões de Unidade para pressionar os dirigentes dos "sindicatos nacionais" em defesa de suas reivindicações. Aludiu ainda detalhadamente, à Previdência Social, sua organização e carácter espoliativo, bem assim às deficiências do seguro social, sistema de aposentadoria e Fundo do desemprego que deviam amparar os trabalhadores na doença, na velhice e na falta de trabalho.

LUTAS E REPRESSÃO — "Sem instrumentos e meios legais de luta, os trabalhadores portugueses, ao longo destes 42 anos de ditadura, têm sustentado um combate heróico", declarou. Fez em seguida um balanço das lutas travadas pelos trabalhadores nos últimos 10 anos, em torno de suas reivindicações específicas e pela conquista da liberdade.

Apesar da greve ser punida, nos termos da legislação fascista, com a prisão de 2 a 8 anos de cadeia e aos condenados aplicada a medida

de interdição do exercício da profissão, o nosso companheiro Augusto Aragão enumerou as centenas de greves realizadas nos últimos 10 anos, que mobilizaram dezenas de milhares de trabalhadores tendo esclarecido que só no ano em curso já participaram de greves e paralizações mais de ... 30.000 trabalhadores, destacando as greves dos pescadores de Matosinhos, dos operários conserveiros do Algarve e greve dos trabalhadores da Carris de Lisboa.

Esclareceu, em seguida, como o fascismo reprime o movimento operário em Portugal, sobre o qual recal o maior peso da repressão, lembrando alguns nomes de trabalhadores assassinados pelas forças repressivas (Catarina Eufêmia, António Adângio, Cândido Capilé, Adelino dos Santos, Agostinho Fineza, etc.), os dirigentes operários mortos no Campo de Concentração do Tarrafal e os que se encontram atualmente presos nas Fortalezas de Peniche e Caxias e em outras cadeias da PIDE e cujas vidas correm perigo.

Num veemente libelo contra a repressão que se exerce não somente pela via das forças policiais e jurídicas, mas também pela violência da miséria, da fome, da doença e do obscurantismo, o nosso companheiro concluiu:

"No momento em que o criador e chefe n.º 1 do Estado fascista agoniza, estamos certos de que os trabalhadores de Portugal intensificarão as suas lutas e se levantarão para destruir o sistema de exploração e de terror que há 42 anos os oprime. O motor da revolução democrática e nacional, que é necessário fazer em Portugal, são as massas populares e a cabeça delas encontra-se a heróica classe operária que nunca se vergou ao tacho fascista. Esta é a melhor garantia, a maior certeza, de que Portugal conquistará em breve a LIBERDADE, A PAZ E A DEMOCRACIA.

A UNIVERSIDADE

O terceiro conferencista foi o nosso companheiro Joaquim Barradas de Carvalho, professor de História Ibérica na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo.

A Universidade sofreu, nos últimos 42 anos em Portugal, o condicionamento geral que afectou — disse — toda a vida intelectual.

Esse condicionamento geral, esse condicionamento obscurantista, está estreitamente relacionado com a existência da Censura Prévia, e com a existência de uma Polícia Política (a P.I.D.E.), a Polícia Internacional e de Defesa do Estado, que só pode ter paralelo com

(Cont. na pág. seguinte)



O nosso companheiro de redacção Miguel Urbano Rodrigues, tendo ao lado o comandante João Sarmento Pimentel, quando pronunciava no Teatro do Tuca, a conferência inaugural do ciclo promovido pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.



A imprensa brasileira deu ampla cobertura tanto ao ciclo de Conferências sobre a conjuntura portuguesa promovido pela P.U.C., como à inauguração da Exposição "42 anos de fascismo em Portugal", realizada na sede do Gremio da Faculdade de Filosofia daquele Instituto. Nenhum jornal, porém, dedicou tanta atenção e espaço ao intenso trabalho de denúncia do fascismo realizado nessa semana de Setembro como a "Folha da Tarde", cuja redação é dirigida pelo brilhante jornalista Antonio Marcos Pimenta. Durante vários dias, o importante vespertino dedicou páginas quase inteiras ao relato das conferências proferidas na P.U.C., comentando ainda os principais aspectos da Exposição e passagens do editorial da edição extra lançada pelo nosso jornal. Por esse motivo, na noite do dia 25, um numeroso grupo de democratas portugueses esteve na Redação da "Folha da Tarde" onde, em nome de todos os presentes, o comandante João Sarmento Pimentel agradeceu ao vibrante jornal a isenção com que estava noticiando acontecimentos de tanta importância para os antissalazaristas portugueses de São Paulo e do Brasil. Na foto, além do comandante Sarmento Pimentel, vêm-se os nossos companheiros de redação Helder Costa, Miguel Urbano Rodrigues e Augusto Aragão, e o secretário do Centro Republicano Português, Alexandre Pereira.

As Conferências na P. U. C.

(Continuação da pág. 5)

a tristemente célebre Gestapo dos anos aureos do nazismo.

O intelectual, o universitário, ao longo desta noite de 42 anos foi obrigado vezes sem conta a arriscar a sua liberdade, a arriscar a prisão, para esta coisa bem comensal: ler um livro, ler uma revista... "Não estou exagerando..." — afirmou — Durante anos os intelectuais portugueses arriscaram ser presos para ler certos livros de Jorge Amado, ou de Graciliano Ramos!... Arriscaram ser presos para ler certos livros franceses, ou editados na França. Não era fácil, e era sobretudo arriscado, vindo de Paris, atravessar, com alguns livros que podiam levar à prisão, duas fronteiras franquistas e uma fronteira salazarista. Havia até quem fosse a Paris passar uma semana num quarto de Hotel, para ali ler certos livros e revistas... Evitava assim o risco de atravessar as fronteiras com esses livros e revistas."

É neste quadro de terror que tem vivido, desde há 42 anos, a Universidade Portuguesa. E neste quadro de terror, a auto-censura tornou-se a regra... Mas apesar da auto-censura, o fascismo salazarista demitiu, ao longo dos anos, mais de meia centena de Professores das três Universidades existentes (Lisboa, Porto, e Coimbra). O fascismo salazarista demitiu dezenas de quadros universitários, e que quadros!... Sem dúvida, sem nenhuma dúvida, os melhores quadros da vida universitária e científica portuguesa... Vejamos — disse — alguns exemplos: "toda uma escola de Matemática, com nomes de projecção internacional, foi destruída. Citemos alguns nomes: Ruy Luis Gomes, demitido da sua Cátedra da Universidade do Porto, e hoje professor da Universidade de Recife. Bento de Jesus Caraça, demitido da sua Cátedra da Universidade de Lisboa. Manuel Zaluar Nunes, demitido da sua Cátedra da Universidade de Lisboa, e professor na Universidade de Recife até à sua morte. José Morgado, demitido da Universidade de Lisboa e neste momento também professor na Universidade de Recife. Alfredo Pereira Gomes, demitido da Universidade do Porto, ex-professor da Universidade de Recife,

e neste momento professor da Universidade de Nancy, na França. — Os melhores físicos portugueses foram também afastados da Universidade portuguesa. Alguns nomes: Manuel Valadares, demitido da Universidade de Lisboa, físico atómico de renome internacional, actualmente Director do Laboratório do Iman Permanente, em Paris. — Marques da Silva, Mario Silva, António Brotas, actualmente no "Centre National de la Recherche Scientifique", em Paris. — Os melhores biólogos foram também demitidos. Aurélio Quintanilha, da Universidade de Coimbra. Flávio Rezende, da Universidade de Lisboa. José António Lima de Faria, da Universidade de Lisboa, hoje professor na Universidade de Lund, na Suécia. Todos biólogos bem conhecidos nos meios científicos internacionais. — Os melhores cientistas e médicos foram demitidos das Faculdades de Medicina. Alguns exemplos: os histologistas de renome internacional, Abel Salazar, da Universidade do Porto, e Celestino da Costa, da Universidade de Lisboa. Os maiores clínicos portugueses do nosso tempo: Pulido Valente e Fernando Fonseca, ambos demitidos da Universidade de Lisboa. — Os melhores agrónomos e especialistas de Economia Agrária, como Mário de Azevedo Gomes e Henrique de Barros, ambos demitidos da Universidade de Lisboa. — Os melhores historiadores, filólogos, filósofos, como Manuel Rodrigues Lapa, demitido da Universidade de Lisboa; Vitorino Magalhães Godinho, demitido da Universidade de Lisboa, o maior historiador português contemporâneo, depois da morte de um Jaime Cortesão, um Duarte Leite, um Velha Simões. Vasco de Magalhães Vilhena, pesquisador do "Centre National de la Recherche Scientifique", em Paris, um dos maiores especialistas mundiais da História da Filosofia Grega, e ex-professor da Universidade de Coimbra. Antonio de Oliveira Marques, demitido da Universidade de Lisboa, neste momento professor numa Universidade dos Estados Unidos da América do Norte (California), o melhor medievalista português contemporâneo, e o último a ter tido a honra de ser demitido pelo fascismo salazarista... É assim que o Salazarismo

é acusado, em Portugal, com uma ironia repassada de melancolia, de "exportar" quadros científicos e universitários... Mas a lista dos demitidos deveriamos agora acrescentar a lista dos não admitidos, mercê do controle da P.I.D.E. A P.I.D.E. controla a admissão dos professores e pesquisadores para as Universidades portuguesas..."

Os intelectuais e a censura

Depois do Prof. Barradas de Carvalho falou o nosso companheiro Vitor Ramos, também professor da Universidade de S. Paulo, que discorreu sobre a repressão à vida intelectual no Portugal de Salazar. "A cultura portuguesa em 1968 — afirmou — ainda tem que contar com um elemento que bate um triste recorde mundial: o da longevidade na coerção à expressão do pensamento. Estabelecida com o movimento militar de 1926, a censura à Imprensa e ao Livro, primeiramente responsável perante o Ministério do Interior, revestiu até 1933 o caracter de instituição excepcional. Em abril desse ano, o seu funcionamento foi regulado pelo decreto 22.469, que desde então a rege, e que estabelece para a Comissão de Censura um regime de quase autonomia. É impossível deixar de estabelecer uma correlação entre a simultaneidade da sua estruturação e o movimento de consolidação do totalitarismo nazista, que em 1933 alcançou a sua maior vitória. De qualquer forma, este organismo funciona em Portugal desde 1926, tendo conseguido resistir a todas as flutuações da situação internacional. A censura entrou de tal forma na vida nacional que os portugueses foram forçados a considerá-la perene. Hoje, o pequeno rectângulo com o distico **Visto pela Comissão de Censura, ou Este numero foi submetido a Censura prévia**, que figura em todas as publicações periódicas, já passa despercebido. A sua acção, no entanto, nem por isso é menos nociva. As penalidades estabelecidas para

quem ousar infringir as suas determinações são elevadíssimas e comportam, no mínimo, a suspensão ou o fechamento da publicação faltosa, independentemente da pena a aplicar ao autor do artigo divulgado sem autorização.

Depois de se referir à Censura aos livros e às peças teatrais, o Prof. Vitor Ramos declarou: "A situação atinge pois um ponto de verdadeiro absurdo kafkiano. Um absurdo tão grande que ocorre perguntar: mas não teria havido ninguém, dentro do regime salazarista, que ao longo dos 42 anos do fascismo português não tenha encarado essa situação e não tenha procurado pôr-lhe cõbro? Eu acredito que tenha havido, realmente. Mas a verdade é que os elementos mais lúcidos do salazarismo se encontraram sempre perante o seguinte dilema: de um lado, verificam que o abafamento de toda a atividade intelectual lança na Oposição os melhores valores; por outro lado, porém, eles vêem que o cerceamento da livre manifestação intelectual é indispensável à sobrevivência do regime. Eles sabem bem que, no dia em que for suprimida a censura ao jornal e a proibição da venda de certos livros nacionais e estrangeiros, o regime inexoravelmente cairá."

Vitor Ramos referiu-se depois longamente ao fechamento da Sociedade Portuguesa de Escritores, praticado em 1965 pelo regime salazarista, e concluiu com uma nota, apesar de tudo, optimista: "Portugal tem hoje, inesperadamente depois de tudo o que afirmamos, uma cultura viva. Estulticia seria negá-lo. Mas estulticia seria, também, negar a essa cultura o caracter de intransigente afirmação contra uma situação existente. O intelectual português sofre um desgaste de energias e uma distorção de perspectivas devido à existência de um poder que lhe regula toda a actividade. Tal poder exerce-se não só quanto ao fundo da obra de arte — a escolha dos temas o afastamento do campo artistico de certos assuntos interditos como no campo formal. Um estudo que está por fazer, e que um dia dará uma ótima tese universitária, é o da influência da censura sobre o estilo dos escritores nos últimos 42 anos. Outro tema para estudo seria a razão que levou essa cultura de recusa e de protesto a não descambar, como se poderia esperar, numa cultura de desânimo. De qualquer forma, aqueles que em Portugal, lutando

contra tudo e todos, teimam em acreditar na possibilidade de sobrevivência desse sistema intelectual, artistico e científico a que se chama cultura portuguesa, merecem todo o nosso respeito e todo o nosso agradecimento. Esta despreziosa exposição dos problemas que enfrentam é a maior homenagem que lhes podemos prestar."

A luta estudantil

Uma jovem universitária portuguesa Maria Antonia Fiadeiro, abordou noutra conferência o problema estudantil português nos seus múltiplos aspectos. Expressando-se com uma espontaneidade e uma vibração que conquistaram imediatamente o auditório, onde havia numerosos estudantes brasileiros, esclareceu desde logo que não se alargaria na citação de fatos de nomes e numeros. Preferia dar aos seus companheiros brasileiros uma imagem do Portugal fascista da Universidade fascista encarados da perspectiva do estudante esmagado pelas estruturas do regime. E foi impressiva e convincente no quadro que esboçou. Os que a ouviam como ficou demonstrado no debate que se seguiu, mostraram-se impressionados com a maneira como vive o estudante português, como resiste, como luta contra a engrenagem opressora do fascismo salazarista, como se bate pela destruição das estruturas apodrecidas e obsoletas de uma universidade de classe, medieval.

A terminar, disse: "Os estudantes portugueses sabem que não haverá universidade livre num país oprimido. Eles sabem que a ditadura que oprime os povos de Portugal, de Angola, da Guiné e de Moçambique é apenas o símbolo de uma máquina a ser destruída. Eles sabem que a solução dos seus problemas passa pelo derrubamento da ditadura, e que o derrubamento desta passa pela insurreição armada. E sabem também que para virar a página da historia da resistência em Portugal e dar lugar à historia da ofensiva é preciso responder à violência reaccionária com a violência revolucionária. Só o povo libertará o povo. Em Portugal como em qualquer outra parte do mundo!"

A igreja e o regime

O ciclo de palestras na Universidade Catolica terminou com uma conferência sobre A Situação da Igreja no Portugal de Hoje. Não se encontrando, entre os portugueses de S. Paulo, ninguém capacitado a tratar este assunto, foi pedida a conferência a um padre português que a enviou do nosso país, sob um compreensível anonimato. Procedeu à sua leitura a Professora D. Margarida Brandão Barradas de Carvalho, da Universidade Catolica. — Depois de recordar que foi a década de 40 que marcou o surgimento, embora tímido, de uma consciência politica entre os católicos portugueses — e citou o papel desempenhado pela publicação de O Trabalhador, o jornal do padre Abel Varzim e da oração de sapiência proferida no Seminário do Porto pelo dr. Alvaro Madureira, o documento reconhece entretanto que só por ocasião da campanha presidencial de 1958 essa consciência se afirma de forma mais sólida. Referiu então como exemplo a posição assumida pelo engenheiro Lino Neto em nome do Centro de Informa-

ção Catolica, de firme condenação do regime salazarista, e sobretudo a Carta do Bispo do Porto, D. Antonio Ferreira Gomes, o qual procurando as razões que lhe permitem explicar o afastamento que constata entre o povo e a Igreja, val encontrá-las numa identificação da Igreja ao Regime. O documento enviado pelo padre português não deixa de ressaltar todas as severas criticas ao salazarismo que se acham na Carta do Bispo do Porto, e que impressionaram bastante a assistência. Passou depois a uma análise da posição da Igreja nas colonias, mostrando o papel que ali está sendo desempenhado por alguns padres portugueses, muitos dos quais já sofreram por isso penas de prisão. Mais adiante, referiu-se o documento ao fechamento da cooperativa Pragma e à publicação clandestina do boletim Direito à Informação. E a conferência, que foi muito aplaudida pela assistência, termina com a leitura de trechos de uma mensagem enviada por um grupo de católicos portugueses ao Concílio Vaticano II.

A Imprensa Mundial Comenta a Sucessão de Oliveira Salazar

"ANTILIBERAL, ANTIDEMOCRÁTICO, ANTIBURGUES, ANTIBOLCHEVISTA, CONTRA-REVOLUCIONÁRIO, CATÓLICO, APOSTÓLICO E ROMANO, MONÁRQUICO, INTOLERANTE E INTRANSIGENTE, INSOLIDÁRIO COM ESCRITORES, JORNALISTAS E QUAISQUER PROFissionais DAS ARTES E DA IMPRENSA".

— Palavras de Marcelo Caetano, quando discípulo de Salazar.

Um retrato de M. Caetano

"Poucos homens estiveram às margens do Tejo tão intimamente ligados à direção dos negócios públicos desde o início da era salazarista em 1928. Universitário eminente e austero como o antigo professor de Economia da Universidade de Coimbra, especialista em Direito Administrativo e jurista, o dr. Marcelo Caetano, nascido em 1904, foi notado pelo dr. Salazar em 1929. Jovem estudante de origem modesta, já havia participado em vários movimentos de extrema direita e colaborava no jornal católico mais importante de Portugal quando o golpe de Estado militar de 28 de Maio de 1926 pôs termo à experiência de República parlamentar que se arrastava desde 1910. A sua formação política caracterizava-se pelas idéias maurrasianas que influenciavam uma parte da juventude portuguesa.

Nada há assim de estranhável no fato de ter sido considerado antes da guerra como o teórico do sistema corporativo que rege, pelo menos no papel, as relações econômicas e sociais entre os vários "grupos de interesses" da República unitária portuguesa. Corriam então os anos em que o jovem professor Caetano manifestava uma grande admiração pelo regime de Mussolini.

(...) Até 1957 ocupou sucessivamente os cargos de ministro das colônias e de ministro da Presidência. Antes desempenhara um papel que não pode ser subestimado à frente da "Mocidade Portuguesa", essa juventude portuguesa que então pretendia — os desfiles militares e os uniformes estavam na moda — dar-se ares de milícia totalitária.

(...) Com alguma audácia pode admitir-se que o dr. Caetano considere as despesas militares na Guiné-Bissau desproporcionadas em relação aos resultados obtidos (Portugal acaba de ser severamente condenado nas Nações Unidas pelo Comitê de Descolonização dito dos 24, a propósito do emprego de napalm e de fósforo na Guiné, na sequência de uma queixa apresentada por Amílcar Cabral). Mas pode-se desde já excluir a hipótese de uma modificação radical, por iniciativa sua, da política que vem sendo aplicada desde 1961 em Angola e Moçambique, embora as despesas militares de Portugal sejam avaliadas em 40% do orçamento nacional e 125.000 soldados portugueses estejam envolvidos no Ultramar.

(...) Beneficiando da simpatia dos meios financeiros e encarado

favoravelmente pela hierarquia católica e pelo Cardeal Cerejeira, amigo de infância do dr. Salazar, o dr. Marcelo Caetano é também — o que não pode ser subestimado — o candidato preferido pelos funcionários da Embaixada dos Estados Unidos em Lisboa".

(Marcel Niedergang, in *Le Monde*, Paris).

"IMPÉRIO PORTUGUÊS ESTÁ PERTO DO FIM"

Todo o Império tem sua base lógica para existir e quando as circunstâncias que propiciaram o seu advento e o sustentaram não mais se justificarem, o Império então desaparece. Agora, com o fim do longo governo de Salazar e o inevitável declínio de sua habilidade toda particular em resistir com galhardia às alterações impostas pelo tempo, o Império português — a última das grandes aglomerações territoriais de além-mar — deve se desagregar.

A História sempre consignou dois tipos de Império: o sistema colonial marítimo, apoiado num grande poderio naval, originalmente simbolizado por Atenas, e o sistema de colônias de terras circunjacentes, apoiado por grande poderio militar, simbolizado por Roma.

Nos tempos modernos o sistema ateniense foi aperfeiçoado por nações como a Inglaterra, França, Itália, Holanda e Portugal, mas no momento se acha fora da moda. Só se pode manter colônias ultramarinas quando o núcleo do Império tiver resolução e força capazes de impor o seu domínio e quando os apanágios coloniais forem por demais fracos e desinteressados para recusa-lo.

(...) Enquanto a sucessão à ditadura de Salazar luta por firmar-se, Portugal ainda governa largos trechos da África e postos avançados que vão desde as vizinhanças da Austrália até às costas da China.

Salazar acreditava que seu Império se ajustava perfeitamente dentro da NATO e disse-me certa feita: "Ele poderá proporcionar uma contribuição valiosa. A Europa não poderá verdadeiramente progredir sem fazer uso integral da África como um anexo aos recursos do próprio continente. A Angola e o Moçambique portugueses se encaixam de forma importante neste contexto".

Tendo de dispender grandes somas em armamentos e tropas a fim de poder enfrentar os levantes das guerrilhas africanas, Portugal só conseguiu manter seu orçamento equilibrado e sua moeda forte à custa de um elevado índice de doença e de analfabetismo dentro de suas fronteiras. Sob um domínio férreo mas de luvas de veludo, os portugueses deram mostras de impaciência.

O Governador Geral de Angola confessou-me certa vez: "O maior perigo que corremos é o de uma revolução na metrópole. Não posso prever que influência isso teria sobre nós aqui". O falecimento iminente de Salazar é uma forma de revolução porque irá provocar mudanças políticas inevitáveis. Os ditadores nunca se encarregam de sua sucessão e sobre os ombros do novo Governo de Lisboa irão recair os problemas há tanto postos à margem.

(...) As alterações que venham a ocorrer não deverão certamente,

ser fruto do momento. Em verdade o que mais surpreende na história de Portugal moderno é a lentidão de sua cadência. Mas uma coisa é clara: o último "cisne de

capelo" imperial acha-se à morte e o fim de Salazar culmina num ponto parágrafo.

(CYRUS SULZBERGER, in *New York Times*, Nova York)

PORTUGAL MERECE NOSSA TERNURA

A situação portuguesa é uma prova de claridade imensa do mal que o totalitarismo representa para uma nação — no caso nação subdesenvolvida. Salazar criou o Estado corporativo a que se chamou salazarismo. Criatura ascética, sem gosto para as coisas que constituem para a imensa maioria da humanidade o prazer de viver — tão austero, monástico quase que seu contato de rotina com uma mulher se limitava às relações de patrão e governanta, tal qual o Conselheiro Acácio...

O Estado corporativo equilibrou o orçamento e a moeda portuguesa. Mas não criou nada de importante para a vida nacional. Trocou o espírito de aventura criadora tradicional do lusitano pela inércia econômica social e política.

Manteve Portugal nos limites da etapa pré-capitalista, temeroso de passar pelo purgatório da revolução burguesa. Esvaziou o país para não pagar o preço reclamado pelo progresso para um largo período de desenvolvimento capitalista.

O salazarismo é isto e mais os campos de concentração e as emboscadas policiais contra (uns e outros) os portugueses progressistas, amantes da velha pátria dos navegadores da Renascença.

Com isto Salazar imaginou parar a Natureza. Mas a Natureza é implacável. Acaba de derrotar o ditador.

E, então, surge o medo de seus colaboradores. Afinal, aquele Portugal de hoje é tão igual ao tacaño, pequeno, avaro, estúpido Salazar que, sumindo este, não será possível, agora, evitar-se a marcha da nação, roída dos recalques terríveis do subdesenvolvimento crônico.

O passado, o espírito jovem dos fundadores da pátria, o arrojo dos

varões da era das conquistas, o canto longínquo de Camões, tudo isto ainda é convite à marcha para o progresso, para a grande aventura da Revolução.

A mesquinhez do salazarismo tem seu retrato melancólico na escassez de líderes para ocupar o lugar vago.

O totalitarismo do tipo subdesenvolvido tem dessas surpresas. O quadro de criaturas ditas como relativamente capazes de preencher o cargo de primeiro ministro em Portugal, após Salazar, reduziu-se a sete. Destes sete, a maioria não oferece garantia de manter a ordem presente, pois tiveram divergências de métodos alguns, de conteúdo outros (e método sempre se liga ao conteúdo) com o mestre de mesquinha.

Enfim, como o lugar vago teria de ser ocupado num ato rodeado de dúvidas, foi escolhido Marcelo Caetano. E já essa escolha prenuncia brizas. Os militares inquietos escovam as fardas e dão brilho às balonetas.

E a incerteza para os círculos dos casacas de ferro do status salazarista.

Morre o tirano: e, com ele, morre o medo coletivo à tirania do torpor social. A nação portuguesa olha a perspectiva em procura de sua nova aurora. Não quer que a gelidez do cadáver do ditador contamine o corpo nacional, o forte povo lusitano.

E a hora de dar o seu passo adiante em busca do calor do purgatório da revolução burguesa. Ninguém o prenderá, já agora. Ele quer pagar e irá pagar o preço inevitável pelas novas conquistas: as conquistas do progresso da era moderna.

Hoje, mais do que nunca, Portugal merece a nossa ternura.

OCTAVIO MALTA, in *"Última Hora"*, Rio de Janeiro.

UMA PENINSULA PARA DOIS

Salazar é um ditador muito fiel às suas idéias. Agradar aos outros — mesmo que fossem seus possíveis sucessores — nunca foi sua preocupação: considera a liberdade absoluta sinônimo de anarquia e a Democracia uma ficção. (...) Os que fazem oposição interna — os intelectuais, em particular — vão geralmente para a cadeia.

A ditadura portuguesa destruiu as estruturas políticas da República. Antes do golpe militar de 1936 havia em Portugal vários partidos: o Partido Democrático; o Partido Nacionalista; o Partido Radical; o Partido Socialista; o Partido Comunista e o grupo socialista Seara Nova.

Em 1963, ao lado do Partido Comunista, surgiram duas outras organizações clandestinas: o Movimento de Resistência Republicana e Socialista e o Movimento de Ação Revolucionária. Apareceu também uma importante corrente de democratas cristãos. Os três Partidos criaram a Frente Patrio-

tica de Libertação Nacional. Mas a Polícia de Salazar mantém um eficiente serviço de censura. Até mesmo os anúncios classificados de emprego são rigorosamente censurados. Isto impede a mínima divulgação dos movimentos rebeldes. Os observadores políticos que visitam Portugal costumam dizer que lá não se tem noção do que acontece no resto da Europa.

Os 40 anos de ditadura salazarista transformaram Portugal num país pobre de agricultura e indústria, comparável, na Europa, apenas à Espanha. As ditaduras de Franco e Salazar têm muitas coisas em comum: ambos são da década de 30, exercem uma política repressiva sobre as manifestações operárias e estudantis e às vezes promovem eleições, em que os candidatos de oposição são cuidadosamente eliminados. Têm um sistema de governo parecido e uma polícia bem treinada e armada. Ambos criaram os chamados sindicatos verticais, que se

transformaram num instrumento a serviço do Estado.

Salazar e Franco são os únicos que se recusam a dar liberdade aos países africanos. Portugal insiste em manter as colônias de Moçambique, Angola e Guiné — com uma população de 12 milhões de habitantes, dos quais apenas 500 mil são brancos. Salazar contrariou todas as resoluções das Nações Unidas que exigiam liberdade para as colônias, dizendo que a ONU é um organismo dominado por comunistas e africanos, e instrumento das grandes potências. Na realidade, as vantagens que Portugal tira da África são imensas: os territórios africanos possuem petróleo, diamantes, ferro, cobre e outros minerais.

A ditadura de Franco só foi possível com a ajuda de Hitler e Mussolini: Hitler enviou a Franco a famosa Legião Condor, e Mussolini sustentou parte da Espanha com 100 mil soldados italianos. Como Franco, Salazar era também amigo de Hitler. No dia do seu suicídio em Berlim, decretou luto nacional de Portugal.

Como Franco, Salazar é também um anticomunista ferrenho: entrou para a OTAN — Organização do Tratado do Atlântico Norte — logo que ela foi criada, e defende a política norte-americana no Vietname.

(in *"Jornal do Brasil"*, Rio de Janeiro)

Perspectivas

"Em 40 anos, Salazar desenvolveu um sistema republicano não militar de direita. Embora todas as licenças tenham sido canceladas e todos os soldados chamados de volta aos quartéis, devendo estar prontos para servir, o povo de Lisboa confia em que não seja usada a força direta. Embora exista uma rica facção de estilo monárquico, liderada por Santos Costa ex-Ministro do Exército, e não obstante haja um Pretendente que vive no país, a probabilidade de restauração da Monarquia parece pequena.

Os indícios são os de que o moderado ditador, que por tanto tempo conservou as redes do poder e que manteve a mais baixa renda "per capita" da Europa Ocidental entre seu povo e a aristocracia medieval de mais longa sobrevivência também venha a conseguir uma moderada substituição — provavelmente outro professor como ele próprio. A única certeza é que as forças políticas independentes ou liberais não terão voz ativa na sucessão. Salazar tomou as necessárias providências para tanto. Mas se seu sucessor não se mostrar tão eficiente na representação...

(BRIAN LAPPING, in *"The Guardian"*, Manchester, Inglaterra)

E depois de Salazar?

(...) Seu isolamento geográfico relativo também serve de proteção a Portugal contra a infecção de mudança que ocorre numa Europa, na qual é o país mais pobre, em termos de renda per capita, com a única exceção da Albânia. Ainda em 1966, 120.000 dos nove milhões de portugueses emigraram (Continua na pág. 9)

Pela amnistia e contra a repressão

Prisões

Em resultado de investidas policiais contra diversos setores do movimento democrático assinaram-se as seguintes prisões ocorridas desde o mês de junho:

- Em Torres Novas, o dirigente sindical Canais Rocha e Maria Rosália Labaredas, Lénine de Oliveira e várias outras pessoas cujos nomes ainda não são conhecidos.
- Maria da Conceição Matos, conhecida militante operária, foi novamente detida quando saía do emprego.
- Diversos jovens presos durante as manifestações realizadas em Lisboa contra a guerra do Vietnã foram mantidos na prisão por 13 dias. Numa tentativa de intimidação, foram submetidos a diversas violências físicas, insultos, privados de alimentação e, por fim, ameaçados de tratamento ainda mais rigoroso no caso de serem presos novamente.
- A UNICEP (Cooperativa Livreira dos Estudantes do Porto) foi alvo de uma ofensiva policial, tendo sido presos o seu presidente Francisco de Melo, a noiva deste Maria Fernanda Martins e José Garret Guimarães, diretor da cooperativa.
- No Porto foi preso José Atal-de Cardoso, funcionário da empresa corticeira Amorim & Irmãos, que há pouco regressara de uma viagem a diversos países socialistas em serviço da referida empresa.
- Em Alpiarça, um operário de nome Coutinho foi preso pela PIDE e encontra-se desaparecido. A PIDE entregou à família diversos objetos pessoais do referido trabalhador mas não explica o que aconteceu com o mesmo, apesar de a prisão já ter ocorrido em Maio.

Censura e P.I.D.E.

- O número de Junho da revista católica "Flama" foi cortado pela Censura em vários artigos e na capa. Motivo: referências feitas ao assassinato do pastor Martin Luther King.
- Em meados de Maio a PIDE assaltou o seminário de Braga. Apreendeu vários livros, designadamente "Cristianismo de Vanguarda" e "Marxismo e Cristianismo" e consta que vários seminaristas foram presos, não havendo, contudo, confirmação dessas prisões.
- Em Alhos Vedros a GNR e a Guarda Fiscal perseguiram operárias corticeiras que se haviam concentrado para pedir aumento salarial. Quatro delas foram presas.
- Nos dias 20 e 21 de Agosto foram feitos vários "autostops" nos arredores do Porto. Participaram na operação a GNR e agentes da Polícia de Viação e Trânsito. Faziam parar os carros, pediam identificação dos ocupantes, olhavam duro na cara dos mesmos e revistavam os portamalas.

Situação nas cadeias

- Eduardo Pires, preso no Pavilhão A de Peniche, apresenta sintomas de lepra. Apesar disso não recebeu o tratamento médico adequado e é mantido junto de outros presos, em cela comum, com evidente risco de contágio.
- Afonso Gregório, no Forte de Caxias, está pior, necessitando ser amparado para caminhar, mas não são tomadas medidas para seu tratamento. O médico Armando Ferreira, preso na mesma sala, protestou junto do diretor da Prisão, Gomes da Silva: foi castigado por essa atitude com corte de visitas por três meses.

Polícia de Franco prende anti-salazarista

● Eduardo Cruzeiro, diplomado pela Escola de Belas Artes de Lisboa e desertor do Exército Colonialista, foi detido pela Polícia Espanhola em princípios de Setembro, encontrando-se atualmente numa prisão de Madrid, sob ameaça de extradição para Portugal. O Comité Francês para a Anistia em Portugal divulgou um apelo a todos os democratas para reclamarem a não-extradição e a libertação de Eduardo Cruzeiro. Os protestos podem ser dirigidos às embaixadas espanholas e à "Dirección General de Seguridad", Puerta del Sol, Madrid. Mensagens de solidariedade a Eduardo Queiroz de Cruzeiro podem ser enviadas para "Prisión Provincial de Madrid", apartado de correios 27.007, Madrid, Espanha.

● Numeroso grupo de portugueses residentes na França dirigiram um apelo ao ministro da Justiça de Espanha, em favor de Eduardo Cruzeiro, pedindo garantias de que o mesmo não será entregue à PIDE, assassina do general Humberto Delgado, nem será maltratado pela polícia espanhola. Pedem também que lhe seja assegurado o direito de receber correspondência e visitas e de contratar advogado, e que seja restituído a liberdade. Eduardo Cruzeiro, antes de ser preso pela polícia espanhola, encontrava-se refugiado na França.

● As mesmas pessoas que subcreveram o apelo acima enviaram telegrama ao ministro do Interior de Portugal exigindo a cessação dos tratamentos brutais a que estão sendo submetidos Inácio Palma e seus companheiros, e responsabilizando-o pessoalmente pelas vidas daqueles patriotas. No mesmo telegrama reclamam anistia para todos os presos políticos.

Actos de resistência

● 14 professores (na maioria senhoras) da Escola Técnica de Santo Tirso, recusaram-se a atender um pedido da polícia no sentido de apontarem os estudantes responsáveis pela agitação que se tem verificado dentro da escola. Além disso, dirigiram um abaixo assinado ao ministro da Educação que, em consequência da sua atitude anterior, os afastara dos jurís de exame, protestando contra esta medida. Os alunos, por seu lado, prepararam uma manifestação de apoio aos professores. O Ministério acabou anulando as medidas punitivas.

● Montando um original esquema de distribuição do jornal académico "O Badalo" os estudantes de Coimbra conseguiram, este ano, ludibriar completamente a PIDE e vender, no espaço de algumas horas, dois mil exemplares entre alunos e professores das diversas Faculdades. Ao contrário dos anos anteriores, quando a PIDE conseguia apanhar a maior parte das edições, este ano teve de se contentar com... 2 exemplares somente, um deles arrancado das mãos de um estudante que estava lendo na rua.

Solidariedade aos Pescadores de Matozinhos Prêsos

Salto anterior	290,00
César Teles	100,00
Joaquim Vilanova	10,00
Abílio Rodrigues da Silva	20,00
Manuel Rodrigues da Silva	10,00
Fausto Brazão	20,00
Joaquim Quitério	10,00
a transportar	460,00

● Mais de 200 pessoas de destaque no distrito de Braga enviaram protestos aos ministros do Interior e da Justiça e à Ordem dos Advogados contra a prisão dos srs. Lino Lima e Santos Simões. Um dos abaixo-assinados recebidos pela Ordem dos Advogados era subscrito por todos os advogados de Famalicão, terra natal de Lino Lima.

● As emissões da Rádio Voz da Liberdade e da Rádio Portugal Livre continuam a ser escutadas com grande interesse e por grande número de pessoas em Portugal, até mesmo por militares. Este fato é confirmado por inúmeras pessoas recém-chegadas aos países para onde se dirigem os portugueses emigrantes.

MORREU SALAZAR, ABAIXO O FASCISMO!

--proclamação da F.P.L.N. ao povo português

Portugueses!

As funções de Chefe do Governo, de ditador de Portugal, estão vagas, por menos desde o dia 6 de setembro.

Esta é a situação nova criada no nosso país: continua a existir uma ditadura mas já não há ditador. O país continua a ser explorado pelas forças monopolistas estrangeiras e nacionais; o aparelho de Estado continua a ser o instrumento do domínio político dessas forças; continuam a ser negados os direitos políticos e sindicais; a PIDE e as outras forças repressivas não foram suprimidas nem desarmadas; prossegue em três frentes uma guerra colonial sem saída. Mas desapareceu da cena pública aquele que durante 40 anos personificou a ditadura fascista, aquele que conseguiu unificar, sob o seu poder pessoal, todas as forças reacionárias portuguesas, para lá das reais contradições entre elas.

O interesse objetivo das camadas reacionárias e das diversas cliques dos grandes negócios é a manutenção da situação presente. Elas farão tudo para o conseguir se o Povo Português não souber impor a sua vontade. Esta é a primeira verdade a ter em conta, que é preciso dizer bem alto e da qual todos os antifascistas portugueses têm de estar plenamente conscientes.

Mas Salazar não pode suceder a Salazar e aquele que vier a suceder-lhe imediatamente, nas funções de Presidente do Ministério, ou será o chefe de uma das diversas cliques salazaristas ou será um homem de palha. No primeiro caso, ele contará com a oposição surda ou declarada das outras cliques salazaristas; no segundo caso, a unidade salazarista será tão sómente aparente, a, nessa medida, tal situação não poderá deixar de ser provisória.

Se esta realidade não leva sozinho, e não levará nunca, ao estabelecimento de um regime democrático em Portugal, ela enfraquece inegavelmente e gravemente o poder do Estado e cria a conjuntura mais favorável desde o fim da segunda guerra mundial para um amplo e irreprimível movimento popular capaz de, pela sua ação patriótica, democratizar o Estado e a sociedade.

O fascismo não morreu, nem morrerá, automaticamente, com Salazar. Mas é necessário que, pela ação do Povo, o fascismo morra e desapareça, na realidade com Salazar.

Alcançar este objetivo é a missão histórica que se impõe nesta hora a todos os antifascistas, a todos os democratas, a todos os patriotas portugueses.

A DIFUSÃO EUROPÉIA DO LIVRO

lança no Brasil

o livro do ano

ANTIMEMÓRIAS

de ANDRÉ MALRAUX

40 000 exemplares vendidos na França

no dia do lançamento.

A venda em tôdas as livrarias

A carta das reivindicações populares tem que ser uma só e bem clara. A F.P.L.N. como frente das forças de esquerda em Portugal, propõe que o Povo Português faça dêle a seguinte lista mínima de reivindicações:

1) — Substituição de qualquer governo de sucessão salazarista por um governo provisorio que crie as condições de democratização da vida nacional;

2) — Dissolução dos órgãos de poder fascista, nomeadamente da PIDE e dos serviços de censura à Imprensa, à Rádio e à Televisão;

3) — Eleição de uma Assembleia Nacional Constituinte por escrutínio secreto, universal e plurinominal;

4) — Estabelecimento das liberdades públicas, designadamente da liberdade de associação e de liberdade sindical;

5) — Anistia completa e libertação dos presos políticos, regresso dos deportados e dos exilados, e revogação das leis repressivas;

6) — Abertura imediata de negociações para a solução do problema das três guerras coloniais.

É necessário que se formem em todo o país, nas fábricas, nas aldeias, nas vilas, nas ruas e nos bairros das cidades, nas escolas, nos serviços públicos, nas forças armadas, comissões cívicas que defendam as seis reivindicações básicas que propomos. Estas comissões devem mobilizar em torno delas a população por todos os meios, desde pequenos comícios relâmpago até grandes concentrações junto dos órgãos locais administrativos ou profissionais respectivos.

Por outro lado, os militantes anti-fascistas devem formar desde já, clandestinamente, Juntas Revolucionárias, a constituir mesmo sem negociações prévias mas abertas a outros militantes firmes e audaciosos. As Juntas devem ser o grande instrumento de vigilância, de defesa, e de ofensiva revolucionária, numa situação favorável que pode ser brevemente criada na nossa Pátria.

Aos operários da cidade e do campo, nós dizemos:

Sois aqueles em cujas mãos se encontram depositados os verdadeiros interesses do Povo Português, aqueles que lutando pelos seus interesses de classe lutam igualmente pelos interesses superiores de toda a população. É necessário que estejais prontos a intervir nos vossos sindicatos; a substituir, chegada a hora, as direções sindicais a soldo dos patrões e do Estado por verdadeiras direções operárias livremente escolhidas. É necessário que criéis desde já, clandestinamente, os fu-

turos órgãos do vosso poder sindical e que comecéis a encarar medidas práticas, como a greve, para facilitar, pela vossa ação, o advento de um regime democrático.

Aos estudantes, nós dizemos:

Segui o exemplo corajoso dos vossos colegas de França e de outros países, que mostraram compreender que as lutas estudantis são um aspecto da luta pela democracia, que a luta por uma universidade livre é indissociável da luta política por uma sociedade democrática, que os estudantes, como os intelectuais autênticos, são irmãos de armas dos operários.

Aos soldados e marinheiros, nós dizemos:

Lembral-vos de que a vossa profissão não é essa mas sim aquela que tinheis antes de entrardes para as forças armadas, que sois filhos do Povo como os operários e os camponeses de Portugal. Salazar era o general dos vossos generais e já não pode dar ordens a ninguém. Obedecei aos vossos oficiais anti-fascistas, recusai obediência, em bloco, aos oficiais fascistas e formai as vossas Juntas Revolucionárias. As armas que a Nação vos entregou jamais deverão ser viradas contra o Povo.

Aos oficiais patriotas, nós dizemos:

Tendes a ocasião única de resgatares a vossa pesada dívida para com o Povo da nossa terra, se discutirdes as ordens injustas dos vossos superiores irremediavelmente comprometidos com o fascismo e se vos colocardes, uma vez por tôdas, ao lado do Povo e pela Democracia contra os grandes interesses económicos e a política repressiva de que são reis serventários os vossos generais reacionários.

Aos representantes de tôdas as correntes anti-fascistas, a F.P.L.N. propõe:

Estabeleçamos negociações em Portugal, imediatamente e sem perda de um minuto para a constituição de um Conselho Nacional Anti-Fascista que se mantenha vigilante e atento à evolução dos acontecimentos, que desde já elabore uma lista de nomes para um governo provisório democrático e defenda a nossa plataforma de seis pontos.

A todos os ouvintes da rádio A VOZ DA LIBERDADE dizemos: Datilografai, copiografai ou imprimi a nossa plataforma e fazei-a circular por todo o país. Desenvolvei todos os esforços no sentido de impulsionar a constituição das Comissões Cívicas e das Juntas Revolucionárias.

(Continua na pág. 9)

Firme oposição ao regime seja qual fôr a sua camuflagem

---afirma o comandante Oliveira Pio

Em 19 de Setembro, quando se aguardava a todo o momento a nomeação do sucessor de Salazar, o comandante Oliveira Pio, em nome dos antigos companheiros do general Humberto Delgado divulgou no Rio de Janeiro o documento que abaixo publicamos e que alcançou grande repercussão junto da opinião pública brasileira:

"Os democratas portugueses que apoiaram politicamente o Sr. General Humberto Delgado desde as falseadas eleições presidenciais de Junho 58, até ao momento do seu assassinato pela Pide, em Fevereiro de 64, julgam-se no dever de expôr, perante a opinião pública brasileira, o seu pensamento e diretrizes políticas, em decorrência do esperado falecimento do homem que, durante cerca de 40 anos, submeteu o País ao mais despotico e deshumano regime que a sua Historia pôde assinalar.

É certo que o ditador português, agora prestes a desaparecer não deixa atrás de si um país em ruínas, como os seus comparsas Hitler e Mussolini, que ele tanto admirou e copiou. Mas deixa, o que é pior, um povo a braços com uma guerra desastrosa, depauperado pela miséria, desmoralizado pelo terror e pelo medo. Porque é mais facil reconstruir cidades destruidas, do que devolver a um povo suas anteriores qualidades ou virtudes.

Nesta hora de meditação e recolhimento, em que a morte iguala no mesmo destino, os poderosos e os humildes, nosso pensamento volta-se para os milhares de patriotas que sofreram e morreram nos campos de concentração de Okussi (Timor), do Tarrafal (Cabo Verde), de Bié (Angola), nas penitenciárias e prisões espalhadas por todo o país e pelo ultramar, foram e continuam sendo martirizados nos covis da Pide, por desejarem viver dignamente, como cidadãos de uma Pátria livre.

Aos democratas portugueses não interessa quem possa ser o ditador-substituto, escolhido à revelia da Nação marginalizada. Para nós, o problema não consiste na substituição de um homem na cúpula de um sistema, mas sim na substituição desse mesmo sistema, na modificação em profundidade das estruturas nacionais. Nossas posições políticas, mantidas desde Maio de 1926 até hoje, continuarão inalteráveis. Firme e decidida oposição ao atual regime, se-

ja qual fôr a sua camuflagem, até que sejam devolvidos ao Povo Português todos os seus direitos civicos, públicos e privados, dentro da Liberdade e da Democracia.

S. Excelência o Snr. Embaixador Alvaro Lins continuará sendo a única personalidade brasileira credenciada para falar e atuar em nome da Oposição Política Portuguesa, naqueles pontos em que a legislação brasileira proíba o pronunciamento e atividade de estrangeiros".

O Manifesto Aprovado no Automóvel Clube

(Continuação da pág. 4)

sário da Mocidade Portuguesa é justamente a preservação das estruturas fascistas do regime.

4 — Não haverá desagregação espontânea do fascismo e muito menos uma "liberalização". Só a luta do povo português pode destruir a herança de Salazar. Nesse sentido renovam o apelo para a formação de uma frente unitária que se bata pela destruição do Estado fascista e sua substituição por um governo provisório com participação de todas as correntes democráticas. O denominador comum à coligação antifascista terá de atender a um mínimo de exigências: anistia para os presos, perseguidos e asilados políticos; convocação de uma Constituinte; restabelecimento de todos os direitos constantes da Declaração Universal dos Direitos do Homem, fim das guerras coloniais.

5 — A resposta a dar às tentativas mistificadoras do

Sr. Marcelo Caetano é a que lhe ofereceram nas ruas de Lisboa, Porto, Braga, e Viseu, no dia 5 de Outubro, os jovens que se bateram contra a PIDE e a GNR exigindo liberdade, democracia e paz na Africa. É o único tipo de diálogo que o salazarismo sem Salazar entende.

aa.) Pelo CENTRO REPUBLICANO PORTUGUÊS - DELEGAÇÃO DO RIO DE JANEIRO: Comandante Oliveira Pio, Oficial do Exército; Manuel Pedroso Marques, Oficial do Exército; Eugénio Mercês, comerciante; Roberto das Neves, editor; José A. de Miranda, farmacêutico; Antonio de Souza Mendes, pintor; José Plácido Barbosa, empregado; Mário Pinto da Silva, estudante; Armando Correia de Magalhães, industrial; Ciriaco Jorge Carneiro Giraldes, comerciante; Jorge de Oliveira Silva; Francisco Peixoto, comerciante; Oliveira Silva; Veiga Leitão, poeta; Raul Mendes Silva, editor; Jaime Sabino, contador; José da Costa Bastos, operário; Manuel Lourenço Neto, industrial; Alfredo Masson, agente técnico de engenharia; Antonio José Bravo, industrial; Maria Luisa Pereira Bravo, doméstica; Arménio Correia de Magalhães, industrial; Amílcar Mercês, comerciante; José Martins Valverde Júnior, industrial;

Pelo CENTRO REPUBLICANO PORTUGUÊS — S. PAULO Carlos Assumpção Neves, comerciante; Alexandre Pereira, corretor; Fernando Ramos, operário; Manuel Rodrigues da Silva, vendedor; Manuel Soares, operário; Juvenal de Oliveira, contador; Joaquim José, empregado; Mário de Oliveira, vendedor; Francisco dos Santos Gomes, comerciante;

Pelo JORNAL "PORTUGAL DEMOCRÁTICO": Augusto Aragão, auditor; Joaquim Baradas de Carvalho, professor universitário; Manuel Moura, técnico industrial; Helder Costa, securitário; Miguel Urbano Rodrigues, jornalista; Vitor Ramos, professor universitário; Francisco Vidal, jornalista;

Pela "UNIDADE DEMOCRÁTICA PORTUGUESA": Manuel Rocheta, guarda-livros; Mário da Silva Bôdas, operário; Abílio Rodrigues da Silva, editor; Mário Leiria, escritor; Joaquim Quitério, contabilista; Maria Sofia César,

Pequenas Notícias

* Em nota enviada ao "Jornal do Brasil" e publicada em 20 de Setembro, o ex-presidente do Brasil Sr. Juscelino Kubitschek desmente as declarações publicadas na imprensa em seu nome relativamente à situação criada pelo desaparecimento de Salazar da cena política.

* Por ocasião da visita ao Brasil da sra. Indira Gandhi, os pasquins a serviço da Embaixada da ditadura portuguesa estenderam-se em insultos à India, lamentando que o governo brasileiro tivesse convidado o primeiro ministro daquele País. A chamada Federação das Associações Portuguesas divulgou mesmo um protesto contra a visita.

* Por intermédio do seu advogado, o escritor Luandino Vieira, preso no campo de concentração do Tarrafal, processou quatro aventureiros que, aproveitando-se do prestígio do escritor e da sua obra, puseram à venda nas livrarias de Lisboa uma edição clandestina do livro "Luanda" — que, ao ser premiado, levou à dissolução da Sociedade Portuguesa de Escritores — apresentada como se tivesse sido impressa no Brasil.

* A crise na indústria têxtil é cada vez mais aguda. Na fábrica "Moncorayon" — pertencente ao Banco Borges & Irmão e a uma firma holandesa — trabalha-se apenas 4 dias por semana. Na "Windsor", no Porto, várias centenas de operários ficaram desempregados. A empresa fechou súbitamente, sem pagar ao pessoal a última quinzena.

IMPRENSA...

(Continuação da pág. 7) legalmente para países europeus ou americanos, enquanto outros foram para a Africa e um número mais substancial deixou o país ilegalmente. No ano passado, foram tomadas providências sérias para refrear o vôo dos que pretendem deixar a pobreza e a desesperança. A insistência de Salazar em orçamentos equilibrados e reservas de câmbio estrangeiro maíças velo deter o crescimento economico de forma desastrosa. Mesmo entre os grandes homens de negócio, que apoiavam seu regime com entusiasmo e lucro por tantos anos, já começam a aparecer esperanças de mudança.

(in "The Economist", Londres)

A longa espera

"Enquanto Antonio de Oliveira Salazar, que há 40 anos governa Portugal, se encontra em coma no 6.º andar de um hospital suburbano o Conselho de Estado se reuniu para enfrentar o problema de escolha de seu sucessor.

Esta capital, brilhantemente ensolarada e cheia de turistas, continua normalmente com suas atividades e vê-se poucas demonstrações publicas de pesar ou mesmo de apreensão. Os portugueses têm estado virtualmente sem meios de expressão política espontânea durante 40 anos e tem-se assim de ir a cata de reações.

Entre a classe operaria o primeiro impulso foi para declarar, um tanto sofornamente, que pouca coisa iria mudar. Afinal, "disse uma mulher, "a Policia ainda anda por aqui e todos têm medo".

Entre os grupos mais abastados que serão os primeiros a sofrer com qualquer mudança radical no sistema atual, há profunda preocupação e não raro dramáticas previsões de uma calamidade".

(RICHARD EDER, in "New York Times", Nova York)

estudante; Júlio Pereira, vendedor; Mário Tavares, tecelão; Humberto Silva, operário; José Martins, industrial; Maria Irolinda Jesus Roque, doméstica; Augusto Vasconcelos, estudante; Fleurette Rodrigues, doméstica; Jeanette Pereira, doméstica; Antonio Manuel estudante; Maria Antonia Fia-deiro, estudante; Pedro Vasconcelos, estudante; Stelio Passos, comerciante etc.

F. P. L. N.

(Continuação da pág. 8)

Cada dia e mesmo cada hora que passa sem que a voz do Povo se faça ouvir, é uma pequena vitória para os salazaristas e uma pequena derrota para a democracia.

Mas cada Comissão Cívica, cada Junta Patriótica, cada Junta Revolucionária que se crie, cada manifestação popular que se organize, cada prova de força que se dê, será uma vitória para a democracia e para o Povo Português, será um passo irreversível na descida do fascismo ao túmulo do ditador.

Lembremo-nos todos que o medo continua a existir em Portugal — mas que já passou, neste momento, para as fileiras dos fascistas, desorientados e sem perspectivas históricas nem políticas de futuro.

Se o medo desaparecer de vez das nossas fileiras, a vitória será nossa, a vitória será do Povo Português.

A audácia e a determinação dos militantes anti-fascistas, a mobilização de todo o Povo contra o fascismo decapitado, impedirá o salazarismo sem Salazar e instaurará a Democracia em Portugal.

Que a morte de Salazar seja a morte do fascismo!

Abaixo o fascismo!
Viva a Liberdade!
Viva Portugal!

(Texto lido no dia 17 de Setembro na Emissão Especial da "Voz da Liberdade").

PORTUGAL DEMOCRÁTICO

DIRETOR RESPONSÁVEL
Otávio Martins de Moura

R. DE JANEIRO: Praça Floriano, 19 - 1.º - Tel.: 22-5686

REPRESENTANTES
RECIFE: Manuel Luís Fernandes e Angelo Ferreira da Silva — Rua Real da Torre, 819 — 1.º

CURITIBA: Antonio Serpa — Rua Dr. Muriel, 712
LONDRINA: Junio Duarte — Edifício Centro Comercial — Apto. 141

PELOTAS: Héitor M. Bandeira — Rua 7 de Setembro, 312 — Pelotas — Rio Grande do Sul
INGLATERRA: Portuguese And Colonial Bulletin — 10 Fentiman Road, London, S.W. 8

BRUXELAS: Mercedes Guerreiro — 107, rue Valaenderstraat — Vilevede — Belgique

HOLANDA: ANGOLA COMITE — Vinkenstraat 13 — Amsterdam — C.

CANADA: Portuguese Canadian Democratic Association 357½ College St Box 153 Station B — Toronto 2 B — Ontário A. dos Santos

7564 d'Outremont Ave. — Apt. 1 Montreal 15, P.Q.

VENEZUELA: Junta Patriótica Portuguesa — Apartado 8287 — Caracas

URUGUAI: Junta Patriótica Portuguesa del Uruguay Casilla de Correo n.º 2.128 — Distrito 5 — Montevideo

CHECOSLOVAQUIA: João Ribeiro — Postovní Úrad/Jindriřská UL, C.14 Schánka 646 — Praha 1 Tchecoslovaquie

FRANÇA: Grupo de Amigos de Portugal Democráticos — 2, Place François Villon — Escalier E — La Courveneuve — Seine — França

REDAÇÃO:

Rua Conselheiro Furtado, 191 Sala 2 — Tel.: 37-0933 —

São Paulo Caixa Postal 6248

Composto na Editora ESCRITOS Limitada Rua Almeida Torres, 119 — S. P.

EXPEDIENTE:

Dias úteis: das 19 às 22 horas

Sábados: das 15 às 19 horas

Número avulso NCr\$ 0,20

Assinatura anual NCr\$ 3,00

ANO XII — N. 134 — OUT./NOV. 1968

Os artigos assinados traduzem apenas a opinião de seus autores, sendo por conseguinte de sua exclusiva responsabilidade.

GETÚLIO TEMIA OS MILITARES ?



Em 1934, Vargas, tomando o domínio dos militares sobre o seu governo, reorganizou as forças políticas e convocou a Constituinte. Com esse golpe, desencadeou a crise no tenentismo e levou a derrota os militares que marchavam com ele desde 1930.

A CRISE DO TENENTISMO sexto volume da série O Ciclo de Vargas, de Hélio Silva, analisa e documenta esse período agitado da vida brasileira, predecessor dos movimentos que determinaram a insurreição de 1935 e o golpe de 1937.

A CRISE DO TENENTISMO
Hélio Silva
Preço: NCr\$ 12,00



lançamento da
CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

RUA 7 DE SETEMBRO, 97 - RIO DE JANEIRO - 08.
Atende-se a pedidos pelo Reembolso Postal.

Manifestações em Portugal no dia 5 de Outubro

Recontos entre a policia e manifestantes democratas assinalaram este ano as comemorações do 58.º aniversário da Revolução Republicana de 1910. Em Lisboa, cerca de 600 pessoas depois de prestarem homenagem no cemitério do Alto de São João aos cinco fundadores da República e às vítimas da insurreição popular republicana, organizaram uma manifestação gritando "Anistia, Liberdade, Eleições Livres". A pequena multidão empunhava cartazes reclamando a abolição da censura e o restabelecimento das liberdades democráticas. Um poderoso dispositivo policial, que se achava escondido nas ruas vizinhas, tentou então barrar o caminho aos manifestantes. Como não o conseguiu, interveio brutalmente utilizando matracas e fazendo vários feridos. Ao contrário do que aconteceu em ocasiões anteriores, os manifestantes, na maioria jovens, reagiram à violência com a violência, travando-se verdadeiros combates corpo a corpo. A notícia dos incidentes espalhou-se rápida-

mente pela cidade, emocionando a população que se havia manifestado abertamente solidária com os jovens que corajosamente haviam enfrentado a Policia.

No Porto, realizou-se também uma romagem de republicanos ao túmulo dos mártires do 31 de Janeiro.

Usou da palavra na ocasião o Coronel Helder Ribeiro, que num discurso de grande vibração democrática conclamou os republicanos à unidade neste momento decisivo. À tarde, um avião de turismo e vários automóveis realizaram farta distribuição de panfletos em toda a cidade, exigindo a renúncia de Marcelo Caetano. A PIDE não conseguiu identificar o avião nem os carros usados na distribuição. Por outro lado, na véspera do 5 de Outubro, 473 pessoas de família dos presos políticos enviaram uma carta a Marcelo Caetano exigindo Anistia Geral para os que se acham encarcerados por razões ideológicas, no nosso país.

Por outro lado, coincidindo também com o 5 de Outubro,

foi distribuído no Porto um manifesto contendo mais de 100 assinaturas — entre as quais destacamos os de Oscar Lopes e José Régio — pedindo a dissolução da Assembleia Nacional e a realização de eleições livres sob um governo independente. Os intelectuais pedem ainda a abolição da censura, garantias contra a intervenção arbitrária da PIDE e anistia geral.

Noutros pontos do país também se realizaram manifestações, a propósito da data republicana, contra o salazarismo sem Salazar. Em Leiria houve uma cerimônia, presidida pelo dr. Vasco da Gama Fernandes, que usou da palavra para incitar os democratas a unirem-se nesta hora de tão grande importância para o destino do nosso país.

Em Braga e em Vizeu as manifestações foram igualmente caracterizadas por violenta repressão policial. Tal como nas outras cidades também aqui a tônica dominante, nos gritos de protesto, era a exigência de uma anistia geral e de eleições livres.

Denunciado o salazarismo sem Salazar

PARIS — (Do correspondente) — A convite do Comité Francês pela Anistia em Portugal, realizou-se no dia 7 do corrente, no hotel d'Orsay em Paris, uma conferência de imprensa para prestar esclarecimentos sobre a crise que se abriu nos meios dirigentes de Lisboa após a retirada de Salazar.

Assistiram à Conferência aproximadamente 100 pessoas entre as quais numerosas personalidades francesas, organizações políticas e representantes da imprensa.

Assumiu a presidência, Jean Marie Domenach, diretor da revista católica "Esprit", que estava ladeado de Joe Nordmann, Secretário Geral da Associação Internacional dos Juristas Democratas, do advogado Ducreux e de Gillodes, representante do Comité Francês pela Anistia em Portugal.

Abriu a Conferência Jean Marie Domenach que pôs a nu as arbitrariedades cometidas pelo regime fascista durante mais de 40 anos contra o povo português, arbitrariedades e crimes que os novos dirigentes se dispõem a continuar se a luta do povo português e a solidariedade internacional não se conjugarem para obrigar os novos dirigentes portugueses a respeitar os direitos da pessoa humana.

Em seguida falou Gillodes em nome do Comité francês pela Anistia em Portugal que depois de traçar um quadro sobre a crise política que se abriu em Portugal após a queda de Salazar, lembra que a fixação de prazo para a deportação do Dr. Mário Soares era incontestavelmente um sucesso que se devia à ativa pressão nacional e internacional que se exerceu sobre o governo português desde a deportação do Dr. Mário Soares.

O advogado Ducreux e Joel Nordmann lembraram que centenas de detidos políticos continuam na prisão, que os processos jurídicos continuam a ser conduzidos da mesma maneira e que a repressão política continua a ser

exercida pela policia politica PIDE, que já depois da nomeação de Marcelo Caetano, tem feito inúmeras prisões entre a população de Portugal.

Gillodes lembrou a finalizar que as reivindicações fundamentais do povo português continuam por satisfazer e lançou um apelo a uma solidariedade ainda mais ativa. Na primeira fileira dessas reivindicações figura uma anistia geral e completa para os presos e exilados políticos. O Comité pela Anistia propôs a ida de delegações à embaixada de Portugal e aos consulados de Portugal em vários países, para exigir das autoridades portuguesas uma anistia geral. Propôs ainda a ida a Portugal de delegações representativas de vários partidos políticos, de sindicalistas e de Juristas democraticos para intervir diretamente junto do governo. Foi proposta também a realização duma Conferência Europeia para examinar os meios de ajudar mais eficazmente o povo português na sua luta por uma verdadeira democratização do país.

PRESENCAS

Entre as individualidades presentes à Conferência destacam-se: Mme. Solange Bouvier Ajam, jurista democrata; Joe Nordmann, Secretário Geral da Associação Internacional dos Juristas Democratas; Jean Marie Domenach, diretor da revista francesa católica "Esprit" advogado Ducreux; Gringot, Federação dos Ciné-Clubes PSU; Mme. Scob Cimadi; Roger Manson-padre; Germaine Gull, secretária Confederal da C. G. T.; Valérie Mayoux cineasta; Mulazzl, sociólogo; Samuel Claud, MRAP; Denise Breton, vice presidente da União das Mulheres Francesas, etc.

Notou-se ainda a presença de jornalistas e repórteres dos jornais "Le Monde", "L'Humanité", "La Croix", "L'Aurore" e "O Emigrante", da Rádio Televisão Francesa, da Rádio Finlândia, da Rádio

Nacional Sueca e das agências noticiosas Tass e France Presse.

MENSAGENS

Diversas mensagens de apoio e solidariedade foram recebidas pela Conferência, destacando-se a de Yves Montand e Simone Signoret, Jean Cassou, diretor do Museu de Arte Moderna de Paris, Ballanger, deputado à Assembleia Nacional Francesa, Roger Colledboeuf, antigo secretário geral adjunto do Partido Radical e do Partido Radical Socialista, Laurent Schwartz, professor da Sorbonne, J. P. Kabane, professor da Faculdade de Ciências de Orsay e dos "maires" de St. Denis, de Vitry-sur-Seine e da cidade de Moisy-le-Sec.

Num trecho de sua mensagem afirma Jean Cassou: "Portugal é o querido dos homens livres de todos os países porque desempenhou um papel glorioso na história da descoberta do planeta na época da Renascença e na história do humanismo. Portugal é um dos grandes países do genio criador ocidental. Nós estamos dolorosamente indignados de o ver à margem do mundo civilizado, de ver a sua mensagem deformada e traída".

Por sua vez, um grupo de mais de cem portugueses residentes em Paris dirigiu uma mensagem a Conferência, na qual se afirma que "no momento se torna necessário o reforçamento da solidariedade internacional para com o povo português e que "a realização dos próximos meses duma segunda Conferência da Europa Ocidental pela Anistia em Portugal ajudará a obter grandes vitórias, nomeadamente a libertação dos nossos companheiros encarcerados e o regresso dos exilados".

A Conferência de imprensa foi filmada e a Rádio Nacional Francesa na sua emissão em Português para o nosso país, transmitiu no mesmo dia a notícia da sua realização e as propostas que foram aprovadas.



A gravura que acima reproduzimos cobria um painel inteiro à entrada da Exposição 42 Anos de Fascismo em Portugal, cuja montagem foi dirigida pelo nosso companheiro Mario Henrique Leiria. A foto mostra Salazar rodeado dos seus ministros, em 38, durante uma parada da Leiria, quando a saudação fascista era obrigatória.

SOLIDARIEDADE AOS ANTIFASCISTAS DA L. U. A. R.

Publicamos abaixo as principais passagens de um comunicado em que a F. P. L. N. conclama todos os democratas portugueses a emprestar irrestrita solidariedade aos militantes da L. U. A. R. recentemente presos pela PIDE e cujas vidas correm perigo.

"A Policia Internacional e de Defesa do Estado, a PIDE em circunstâncias ainda por esclarecer — diz o documento — interceptou um grupo de anti-fascistas que tinham entrado em Portugal clandestinamente e apesar da resistência que esses combatentes ofereceram, conseguiu capturá-los. O grupo era chefiado por Inácio Hermínio da Palma e dele faziam parte Filipe Viegas Aleixo, que ha sete anos foi condenado à 18 anos de prisão por ter participado no assalto ao "Santa Maria", Joaquim da Silva Ramos, Carlos Bilo Pereira, Fernando Marques e João Guerreiro. Posteriormente foi preso o estudante Fernando José dos Santos Branco. Inácio Hermínio da Palma é considerado, pela PIDE como o responsável pelo assalto à filial do Banco de Portugal, na Figueira da Foz, que teve lugar no dia 17 de maio de 1967.

A Frente Patriótica de Libertação Nacional quando, alguns meses mais tarde, Inácio Palma, preso pelas autoridades francesas foi objeto de um pedido de extradição apresentada ao Tribunal de Paris pela Policia Judiciária de Lisboa, reconheceu que o assalto da Figueira Foz tinha um caráter político, era uma operação no quadro da luta contra o regime salazarista e que Inácio Palma era um conhecido elemento da opposição portuguesa. Pela liberdade de Inácio Palma e contra o pedido de extradição desencadeou-se uma vasta campanha internacional. Democratas portugueses e forças políticas portuguesas, e entre elas a F. P. L. N. tomaram a defesa de Inácio Palma e reconheceram que Inácio Palma era um militante político, um intrépido combatente anti salazarista".

Mais adiante, o comunicado da F. P. L. N. acentua que o tipo de ação até agora desenvolvido por Inácio Palma e as circunstâncias em que ele e os seus companheiros foram presos levam a crer que a PIDE não deixará de exercer sobre esses patriotas as piores violências, concluindo com

um apelo para que todos os democratas portugueses espalhados pelo mundo defendam as vidas de Inácio Palma e seus companheiros. "Portugal Democratico", associando-se à iniciativa da F. P. L. N. pede a todos os seus leitores e amigos que participem da campanha de solidariedade em curso, dirigindo cartas, telegramas e abaixo assinados às autoridades fascistas portuguesas exigindo que Inácio Palma e seus companheiros sejam tratados como valerosos combatentes antifascistas que são.

ULTIMA HORA

Ruy Gomes e José Morgado repudiam diálogo com Caetano

Ao tomarem conhecimento do texto do manifesto dos democratas portugueses divulgado no Rio durante o jantar de confraternização comemorativo da inauguração do Centro Republicano Portugues naquela cidade, os profs. Ruy Luis Gomes e José Morgado telegrafaram de Recife manifestando o seu apoio total à posição de combate às manobras mistificadoras do sr. Marcelo Caetano e repudiando de modo especial eventuais tentativas de aproximação com o governo colonialista que sucedeu ao de Salazar.

PORTUGAL DEMOCRATICO
R. Cons. Furtado, 191 — Sp. Brasil
Redatores de Assinantes